

convergência

ABR — 1986 — ANO XXI — Nº 191



- **O PROFETA JESUS DE NAZARÉ**

Frei Hugo D. Baggio, OFM — página 146

- **A ORAÇÃO DE JESUS, REFERENCIAL DA NOSSA ORAÇÃO**

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ — página 159

- **A DIMENSÃO PROFÉTICA DA VIDA RELIGIOSA NO BRASIL**

CONVERGÊNCIA

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:

Dr. Claudino Falquetto, FMS

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima, SDB

(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:

Pe. Ático Fassini, MS

Pe. Cleto Caliman, SDB

Dr. Delir Brunelli, PIDP

Dr. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar

20031 RIO DE JANEIRO — RJ

Assinaturas para 1986

Brasil, taxa única, terrestre ou aérea:

Até 30.04.1986 Cr\$ 170.000

Exterior: marítima US\$ 38,00

aérea US\$ 48,00

Número avulso Cr\$ 17.000

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, n.º 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

Nossa Capa

O Irmão Claudino Falquetto, FMS, Presidente Nacional da Conferência dos Religiosos do Brasil, lançou um concurso, em 1985, em todo o Brasil, para escolher o logotipo da CRB Nacional. Venceu o concurso o Arquiteto, Irmão Analino Zorzi, FSC, Religioso do Instituto dos Irmãos das

Escolas Cristãs, (Lassalistas), de Porto Alegre, RS. Aqui está a interpretação feita pelo Autor sobre a sua arte: "As três faixas representam os três votos que os religiosos professam. As faixas formam, visualmente, as mãos em oração, orientadas para cima, num sentido positivo, para o bem, para Deus. Ao mesmo tempo, uma faixa branca invade as mãos e as envolve: é o invisível mas presente SER que é Deus. A entrega, a oferenda do religioso e a aceitação e envolvimento de Deus estão expressos no conjunto do desenho. As mãos se encontram como os seres humanos se encontram em Deus. E é com suas mãos que os religiosos ajudam a transformar a realidade num mundo de justiça e fraternidade, servindo os homens, seus irmãos. Sugerimos a cor azul por lembrar o infinito de Deus e a eternidade do homem em Deus". Convergência vai publicar a arte do Irmão Analino Zorzi, FSC, em branco, vazado na cor, que varia em cada mês.

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL	129
INFORME DA CRB	131
O PROFETA JESUS DE NAZARÉ Frei Hugo D. Baggio, OFM	146
A ORAÇÃO DE JESUS, REFERENCIAL DA NOSSA ORAÇÃO Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ	159
A DIMENSÃO PROFÉTICA DA VIDA RELIGIOSA NO BRASIL Aloísio Card. Lorscheider	166
COMUNIDADE ECLESIAL DE BASE (CEBs) Pe. J. B. Libânio, SJ	175
AS CEBs COMO PROFECIA ECLESIAL Frater Henrique C. J. de Matos, CFMM	185

EDITORIAL

"RESSUSCITOU, COMO DISSE!" ALELUIA!

A esfuziante alegria que irrompeu do coração de MARIA, dos Apóstolos e Discípulos, ao saberem da grande nova da Ressurreição de CRISTO, contagia os cristãos pelos séculos afora.

Na verdade, nem a Carne, nem a Morte, nem a História, nem a Injustiça dos juízes de CRISTO, conseguiram aprisionar a LIBERDADE, calar a PROFECIA, subornar a JUSTIÇA.

Vitorioso é só o CRISTO! O Livre! O Profeta e Justo!

Ressuscitou para, liberto de todos os limites e injunções, imergir na história humana de todos os tempos, com o dinamismo absoluto do ESPÍRITO que transforma todas as coisas.

ELE, vivo, continua! Permanece conosco, como lho suplicaram seus Discípulos. Tendo para conosco palavras de Vida eterna. Falando-nos com autoridade. Realizando maravilhas, sinais da presença do Reino. Estendendo a mão a todos que o buscam. Convocando seguidores. Fazendo ver e viver. Acolhendo e perdoadando. Soerguendo os jogados à beira da vida. Suscitando conversão e esperança. Enaltecendo justos, pobres, construtores da paz e misericordiosos, aflitos e cansados da vida. Gestando len-

tamente a justiça e a fraternidade, na libertação dos filhos de Deus. Criando a união e solidariedade entre os Pobres de JAVÉ para a construção do mundo novo, sonhado por oprimidos e profetas, pelos homens e pelo PAI.

Sim! Ressuscitou! Está vivo e no meio de nós, comprometendo-nos com o seu projeto de libertação! ALELUIA!

CONVERGÊNCIA, desejando a seus Leitores, a alegria e a vida da PÁSCOA, apresenta as seguintes reflexões:

"O PROFETA JESUS DE NAZARÉ", de Frei HUGO D. BAGGIO, OFM. Em todas as épocas de crise maior, da história de Israel, "levantavam-se vozes autorizadas... A esta palavra inflamada, ainda que chicoteante, os judeus sabiam que Deus ainda pensava neles". JESUS veio, e "não só falava de Deus. Era o próprio Deus que falava", e se instalava no meio do povo. O Profeta maior. A Palavra feita Carne. Deus-Homem-com-os-homens. É o que Frei HUGO, nesse artigo, analisa.

"A ORAÇÃO DE JESUS, REFERENCIAL DA NOSSA ORAÇÃO", de Pe. MARCELLO DE CARVALHO AZEVEDO, SJ. Depois de uma série de reflexões sobre a Oração vivida por MARIA, Pe. MARCELLO se detém agora na

consideração da Oração de JESUS na qual vê o referencial básico para a Oração de todo cristão. No cristianismo, a Oração tem longa e variada história. "Todas as modalidades de oração no contexto da fé cristã, porém, inspiram-se de algum modo na oração das comunidades dos primórdios, assim como documentada no Novo Testamento". Nessa e em subseqüentes reflexões o autor analisa a Oração de JESUS.

"A DIMENSÃO PROFÉTICA DA VIDA RELIGIOSA NO BRASIL", de Dom ALOÍSIO LORSCHIEDER, Cardeal Arcebispo de FORTALEZA. Dom ALOÍSIO, Pastor em quem o RELIGIOSO FRANCISCANO se mantém intensamente vivo, dá ao leitor de CONVERGÊNCIA, uma substancial e mordente reflexão sobre os laços existentes entre Vida Religiosa e Profetismo. Trata-se do texto da palestra feita durante a ASSEMBLÉIA REGIONAL da CRB, em FORTALEZA, em agosto de 1985. Nessa reflexão Dom ALOÍSIO tem presente o texto "OS PROFETAS BÍBLICOS INTERPELAM A VIDA RELIGIOSA", elaborado pela EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA da CRB Nacional, em preparação da XIV ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA da CRB a se realizar na data de 21 a 26 de julho de 1986, em SÃO PAULO. Para esta ASSEMBLÉIA está sendo estudado o tema: "A dimensão profética da Vida Religiosa no Brasil", que se torna título do presente artigo. CONVERGÊN-

CIA agradece a D. ALOÍSIO por esse texto e por todo seu amor à causa da CRB.

"COMUNIDADE ECLESIAL DE BASE", de Pe. J. B. LIBÂNIO, SJ. Apesar da diversidade e complexidade de experiências eclesiais vividas nas Comunidades de Base, Pe. LIBÂNIO faz aqui uma necessária análise desse fenômeno vivido em muitos setores da Igreja na AMÉRICA LATINA. Procura identificar-lhe as causas históricas, estruturais e conjunturais. Situações originantes, intra e extra-eclesiais, condições de organização e reforço, realidade e desafios atuais são objeto desta consideração, sucinta mas lúcida, de Pe. LIBÂNIO.

"AS CEBs COMO PROFECIA ECLESIAL" de Frater HENRIQUE CRISTIANO JOSÉ MATOS, CFMM, aborda de outro ângulo a mesma realidade das Comunidades Eclesiais. Estudioso do fenômeno, Fr. HENRIQUE, nesse artigo, analisa a relação existente entre CEB, Profecia e Vida Religiosa. "Hoje, o contacto vital com a realidade das CEBs pode dar uma valiosa contribuição na refontalização da própria Vida Religiosa e sua autêntica renovação. As Comunidades Eclesiais de Base questionam por dentro os religiosos..."

Possam os leitores de CONVERGÊNCIA crescer em vida pascal no CRISTO, com a ajuda de todas essas reflexões!

Pe. Atico Fassini, MS

I N F O R M E

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

XIX CETESP

No dia 03 de dezembro de 1985 encerrou-se a XIX CETESP numa Celebração Eucarística muito significativa, no local onde vêm se desenvolvendo os Cursos, o antigo Colégio Assunção das Irmãs Assuncionistas do Rio. Os 04 meses de atividade haviam começado no dia 2 de agosto deste mesmo ano.

Esse tempo de graça e conversão transcorreu muito normalmente, tanto na parte teórica e de conteúdos teológicos como também quanto à prática de uma renovação espiritual, orientados à Formação da Vida Religiosa no aqui e agora.

Os professores, sendo 02 leigos, conhecedores da estrutura do CETESP, ajudaram para que houvesse uma unidade bastante clara na linha de conteúdos, segundo a proposta da caminhada de renovação da Vida Religiosa na Igreja latino-americana. Foi elogiado pelos 51 participantes o nível intelectual e pedagógico, a unidade de enfoque e também a competência unida à vivência de todos os expositores. Como sempre, é claro, houve professores que agradaram mais do que outros. Foi sentida também como muito válida a Orientação Espiritual dada, quer às pessoas individualmente, quer ao grupo todo, como pistas sábias para uma renovação

interior. Esta aprendizagem ou reforço de uma linha pedagógica sobre a Oração foi importante para o bom êxito do Retiro de 08 dias, experienciado por todos como um momento de síntese de toda uma caminhada de 04 meses de busca do Senhor.

Mais em particular, quanto aos participantes, estes como sempre vieram de todas as regiões do país, com uma proporção já maior de religiosos e religiosas atuando no Norte e Nordeste do Brasil. De outros países participaram 02 religiosos vindos da Colômbia, uma religiosa do México e duas da África. Pela primeira vez nestes últimos 10 anos, quase tivemos a mesma proporção entre os religiosos e as religiosas participantes, estas em número de 30 e aqueles de 21. Isso e a seleção mais acurada de pessoas que já estavam no trabalho direto da Formação, ajudou para que se constituísse um grupo coeso e interessado nas propostas que se apresentam ao longo dos 04 meses de CETESP.

Na avaliação final, realizada primeiro nos grupos de Vivência e depois sintetizada na presença de Irmão Claudino e dos coordenadores Ir. Lucília e Pe. Paulo, foi unânime a esperança e o incentivo dos alunos para que o CETESP continue sendo realizado como mediação oportuna e necessária na preparação

de futuros formadores de religiosos, para o bem da Igreja e das Congregações Religiosas.

Esses anseios confirmam o trabalho que a Equipe de Coordenação, com a anuência e animação da Presidência da CRB está preparando, de uma avaliação mais cuidada de toda a caminhada de 10 anos de CETESP, em vista de melhorar cada vez mais o nível deste Curso. Por isso, no 1º semestre de 1986 não haverá novo CETESP, por causa das viagens dos coordenadores pelas Regionais, contactando ex-cetepistas, provinciais e professores nestes anos passados. Aproveitar-se-á também para proporcionar a vários ex-cetepistas a experiência dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio na Íntegra, como retomada da vida no pós-CETESP. O XX CETESP só se realizará no 2º semestre, com início previsto para a 1ª semana do mês de agosto.

A Coordenação atual conta com as orações de todos os religiosos para esse trabalho que será empreendido: — resulte em frutos de renovação atualizada desta promoção tão válida da CRB para os próximos anos, conforme o que ficar mais claro, a partir também, da anuência dos Provinciais reunidos em Assembléia Geral, no próximo julho de 1986.

Agradecemos a Deus, a cada um dos nossos colaboradores e aos próprios alunos que participaram deste último CETESP, a oportunidade que tivemos de crescer juntos na comunhão e participação do Reino messiânico de Jesus Cristo.

Pe. Paulo Lisboa, SJ

NOTÍCIAS DO CERNE XXX

“Agora vejo a vida com outros olhos.”

Em 1985, atingimos o CERNE XXX, com um total de quase 1.400 Religiosos contemplados com este período de renovação oferecido, regularmente, pela CRB Nacional a partir do segundo semestre de 1977.

O último CERNE realizou-se na Casa de Retiros das Irmãs da Divina Providência, no Ahú de Baixo, em Curitiba. Casa excelente, excelentemente atendida pelas Irmãs e funcionárias. Foram 42 os participantes, de 32 Congregações, provindos de 10 Estados, sobretudo do Sul e centro do País. Houve um Redentorista do Paraguai.

Dos 41 religiosos que avaliaram o encontro, 37 o qualificaram como “muito bom” e 04 como “bom”.

Eis alguns depoimentos:

“Considero o CERNE como momento alto da minha vida religiosa”. “Agora vejo a vida com outros olhos”. “Sobretudo, levo espírito mais aberto, com vontade de acertar. Zelo maior na oração e no amor à comunidade e no meu apostolado”. “Entendi que ouvir, entender e, sobretudo, perdoar é importante”. “Como aprendi a valorizar novamente minha vida de oração comunitária e pessoal!”.

1986 é ano da Assembléia Geral da CRB. Haverá somente três CERNES: maio-junho (Belo Horizonte), agosto-setembro (Fortaleza), outubro-novembro (Brusque, SC).

Depois de quatro anos na CRB, havendo ajudado a coordenar 16 CERNES, regresso, feliz, à minha Província de

Porto Alegre, grato pela confiança em mim depositada pela CRB e tantos estimados irmãos e irmãs na Vida Religiosa, aos quais saúdo cordialmente.

Eu Te agradeço de todo o coração, Senhor meu Deus: vou dar glória ao teu nome para sempre, pois é grande teu amor para comigo. (Sl 86, 12-13a.)

Ir. Henrique Justo, (Lassalista)

CRB — REGIONAL DE PORTO ALEGRE

Resposta da Equipe de Reflexão Teológica da CRB Regional de Porto Alegre, ao Questionário enviado pela CLAR em preparação à V Reunião Interamericana de Religiosos, em Washington, novembro de 1985.

1. Como, em sua vida religiosa apostólica, influíram as mudanças na Igreja e na sociedade, nesses últimos 20 anos?

Houve fases bastante distintas de transformação da Vida Religiosa Apostólica, subseqüentes (quando não simultâneas) às mudanças na Igreja e na sociedade.

Um primeiro momento foi de ruptura, com uma conseqüente desorientação pessoal e desestruturação de muitas comunidades. A quebra da observância regular, promovida ou acontecida simplesmente, muitas vezes à revelia das leis existentes e ainda em vigor, foi uma experiência traumatizante para muitos religiosos. Conduziu muitos a uma sensação de perda da identidade. Houve muitas saídas da vida religiosa. Em outros casos, embora tenha havido perseverança na Vida Religiosa, as pessoas ficaram amarguradas, quebradas por

dentro, nunca chegando a se recompor inteiramente. A perda de identidade redundou também em uma diminuição do "status" de religioso dentro da sociedade e na própria comunidade dos fiéis.

Tudo isso, no entanto, teve efeitos também positivos, que parecem superar de longe os negativos: forçaram e acabaram levando a uma busca e interiorização pessoal de uma nova identidade, pela volta às origens, às fontes do Evangelho e à inspiração do carisma fundacional, atualizado à luz dos sinais dos tempos e dos apelos da Igreja nos nossos dias. A nível pessoal, isto exigiu e continua exigindo uma purificação das razões para entrar e para perseverar na Vida Religiosa, centrando-se no essencial do seguimento de Cristo e não em apoios externos, institucionais. Levou também à aceitação de um maior pluralismo de concepções e diversidades legítimas na realização da vocação religiosa apostólica na Igreja; maior integração entre religiosos e a pastoral diocesana, com aproximação maior de religiosos, bispo, clero diocesano e agentes pastorais leigos, em função do apostolado comum a promover. Isto fez cair barreiras e preconceitos, dando maior espaço pastoral para a religiosa. Outro efeito positivo ainda foi sobre a formação, que foi questionada e passou por toda uma reformulação, em vista dos novos desafios.

2. Que impacto a nova tomada de consciência do oprimido e marginalizado teve sobre sua compreensão do seguimento de Cristo, sua imagem de Deus e sua compreensão da Vida Religiosa Apostólica?

A consciência crescente da opressão e o questionamento originado da situa-

ção de pobreza injusta e da marginalização de grande parte do povo teve uma forte e permanente influência sobre a Vida Religiosa, nesses últimos 20 anos. Singularmente, talvez foi o fator que no conjunto mais influenciou e desafiou as mudanças no sentido do engajamento apostólico dos religiosos na nossa região, e quem sabe, do Brasil. No início, sobretudo nos tempos de Medellín, a questão dos pobres foi fonte de muitas tensões, levando a radicalizações e posicionamentos polarizados, que em parte ainda persistem. Em termos de vida comunitária, a rotulação de pessoas ("conservador", "progressista"), deixou por vezes marcas profundas.

Aspectos negativos da tomada de consciência do oprimido (pelo modo como ela foi às vezes entendida ou recebida pelos sujeitos) foram, por exemplo, a tendência de alguns (nos primeiros tempos de abertura, sobretudo) aproveitarem o trabalho com o povo ou com os pobres como uma fuga, uma oportunidade para se libertarem das estruturas da vida religiosa, ou como trânsito para o século. Essa tendência está hoje superada entre nós. Os que se engajam com os pobres ou a eles são enviados pelas Congregações e por suas comunidades são escolhidos entre os que se destacam pela firmeza da sua consagração e pela qualidade de sua preparação. Outro aspecto negativo, que se verificou e que de algum modo persiste, é o empobrecimento do conteúdo da evangelização por parte de alguns que trabalham na promoção da justiça, certa unilateralidade no anúncio da boa nova, não obstante a autenticidade e testemunho de fé dos religiosos engajados com os pobres.

Entre os aspectos positivos, que predominam, podemos destacar a conversão de não poucos religiosos e de muitas comunidades a um amor preferencial aos pobres, provocando uma aproximação afetiva e efetiva com o mundo dos pobres e oprimidos. Esta aproximação provocou uma profunda mudança de mentalidade e a busca de mudança de lugar social, não só de religiosos singulares, mas de comunidades e de congregações inteiras. Ampliou-se a consciência crítica da realidade e a capacidade de exercer essa crítica não só na teoria mas praticamente. A pobreza do povo questionou vigorosamente a pobreza religiosa e seus desvios. Levou a compreender o sentido profético da pobreza como seguimento de Cristo pobre e de amor solidário com o pobre com o qual também Cristo se solidarizou. Os conselhos evangélicos foram melhor percebidos à luz da consciência histórica das opções e preferências de Cristo. A própria imagem de Deus foi afetada por essas mudanças: houve uma aproximação do Deus bíblico da Aliança, do Deus Libertador, descoberto e vivenciado por muitos religiosos em sua vivência de oração e luta com o povo pobre, em grupos de reflexão bíblica com o povo, etc.

De modo geral, nós religiosos parece que estamos mais dispostos e mais preparados para assumir as tensões decorrentes da Encarnação de Deus e da nossa encarnação como religiosos junto ao povo.

Nessa caminhada, os religiosos cresceram em solidariedade e engajamento com a Igreja particular. Cresceu neles também a consciência de unidade e complementariedade das diversas congregações e institutos religiosos em tor-

no dos mesmos ideais básicos, com aceitação e valorização pastoral dos carismas próprios de cada família religiosa.

3. A seu modo de ver, quais são os elementos que caracterizam a Vida Religiosa Apostólica?

Em resumo: chamado pessoal de Deus (pessoal e gratuito); o propósito de viver Deus no seguimento radical de Jesus Cristo; uma intensa vida no Espírito, tendo como dimensões essenciais a experiência de Deus, a vida comunitária e a vivência da missão. (A explicitação dessas dimensões e suas concretizações está num estudo por nós realizado e publicado na Revista **Anunciar**, da CRB/RS, nº de nov.-dez. de 1984, p. 66-81, sob o título "Identidade da Vida Religiosa — Reflexão Teológica").

4. Como você entende o paradoxo apostólico "Estar no mundo mas não ser do mundo"?

Entendêmo-lo como tensão dialética inerente a uma Encarnação que busca a salvação. Há uma encarnação necessária, uma busca de aproximação, uma inculturação que é mediação para o anúncio da boa nova. Estar no mundo pode, a nosso ver, ser também entendido no sentido de uma sadia secularização, de aceitação de uma justa autonomia das realidades terrestres, no sentido do Concílio Vaticano II. Por outro lado, não ser do mundo significa o discernimento dos valores presentes no mundo, com a denúncia dos contra-valores, dos ídolos e o anúncio do reino e dos valores que o caracterizam. Significa isso um não ao secularismo, entendido como um jogo de adaptações e

concessões ao "espírito do mundo". O paradoxo pode expressar a dinâmica inerente à Vida Religiosa apostólica, na qual o religioso é chamado a enfrentar as contradições e expor-se às tensões próprias a uma ação evangelizadora encarnada, mantendo constante e viva a sua identidade e realizando a missão que lhe é própria dentro do mistério da salvação.

5. Para você, qual a imagem mais significativa da Igreja? Por quê?

Sem dúvida, não será a imagem de uma "sociedade perfeita", uma estrutura de poder sagrado, que pouco ou nada tem a ver com a figura do Servo, do Homem-Deus que veio para servir e não para ser servido.

Duas imagens principais nos ocorrem: a de povo de Deus em marcha, um povo fundado na fé em um Deus que salva, e solidário entre si; povo organizado, de funções diferenciadas, mas no qual a própria missão hierárquica só tem legitimidade enquanto expressão de um serviço e não como privilégio ou poder de dominação. Essa imagem é profundamente bíblica e parece expressar melhor que outras a dinamicidade da Igreja, sempre em construção. A outra imagem é a da comunidade de fé e de amor, de partilha e celebração, à semelhança das primitivas comunidades da Igreja e que parece hoje realizar-se, de forma quase exemplar, nas Comunidades Eclesiais de Base.

Essas imagens supõem ou reclamam uma conversão da Igreja, um deslocamento da Igreja do lugar do poder e da aliança com os poderosos para o lugar do serviço e da opção pelos pobres; uma Igreja que deixa de portar-se co-

mo. dona da verdade para agir como serva do Evangelho e servidora dos pequenos e oprimidos, anunciadora da salvação para todos, mas a partir do lugar do pobre, o preferido de Deus.

CRB — REGIONAL DE SÃO PAULO

Resposta da Equipe de Reflexão Teológica da CRB Regional de São Paulo, ao Questionário enviado pela CLAR em preparação à V Reunião Interamericana de Religiosos, em Washington, novembro de 1985.

1. Como, em sua Vida Religiosa Apostólica, influíram as mudanças na Igreja e na sociedade, nesses últimos 20 anos?

— Influíram muito não só em nossa vida, senão também em todo o caminho da V.R. na Igreja latino-americana. A partir daí se deu uma **releitura e reestruturação dos elementos fundamentais da V.R.** Descobriu-se um enfoque completamente novo, ainda que, até hoje, os passos e etapas vividos por comunidades e Congregações sejam de alcance diverso. Não necessariamente por estarmos em 1985, vivemos em 1985, acompanhando o momento histórico atual.

As mudanças começam a ser vislumbradas a partir dos grandes movimentos filosóficos e eclesiológicos do fim do século XIX e primeira metade do século XX. Também as mudanças sociais e políticas influíram muito.

A **DESCOBERTA DA PESSOA**, das relações interpessoais, da subjetividade determinou uma mudança nas relações

personais e comunitárias, no modo de viver a experiência de Deus, os Votos e a Missão. Passou-se de "práticas", devoções, do mais estático, a uma experiência bem mais pessoal, bíblica, histórica, vivida em comunidade e, posteriormente, junto ao pobre. Surgiram as pequenas comunidades (com diferentes feições), os Projetos comunitários de Vida, as Revisões de vida, etc., que, pouco a pouco, colocaram a Missão no devido lugar.

Com Medellín e Puebla deu-se um passo mais. A **ABERTURA DE HORIZONTES** trazida pelo Concílio, a busca da Síntese Fé-Política, apresentou-nos o campo do **SOCIAL** como uma nova descoberta. Não só a Igreja se abriu ao Social, ao Mundo, mas também a V.R. adquiriu novas feições. A constatação da emergência de um **NOVO SUJEITO SOCIAL** ainda que não hegemônico — as **CLASSES POPULARES NA AMÉRICA LATINA** — ajudou-nos a responder melhor a necessidades concretas da Igreja e do mundo. A **MISSÃO** passa a dinamizar a experiência de Deus, a vida fraterna e a vivência dos Votos. A Missão passa a ser o eixo da V.R., sua chave de compreensão. O **Voto de Pobreza** vai apresentar cada vez mais relação com a **Justiça**; o da **Castidade** com o **Serviço** e o da **Obediência** com a **Escuta** de Deus e dos irmãos na Comunidade (não só a comunidade religiosa mas também a cristã, de base, etc.), sem negar o papel de centro de comunhão e serviço da autoridade religiosa. A Missão passa a ser entendida, sobretudo como "Serviço ao empobrecido", o novo nome do "pobre" na América Latina. Trata-se de um serviço que vai passando cada vez mais do assistencialismo à dimensão de busca de transfor-

mação da realidade. Vai-se assumindo o trabalho profissional como solidariedade com o mundo do trabalho e de coerência na busca de maior inserção.

Isso nos pede muitas Mudanças e Rupturas: mudança de LUGAR SOCIAL e CULTURAL, opção pela classe popular, assunção de suas lutas, etc., o que exige uma constante releitura bíblica, da vida comunitária, formação, estilo de vida, etc.

A V.R. vai se inserindo cada vez mais nas Igrejas Particulares, apesar das tensões inevitáveis e até salutares entre Carisma e Instituição, dinamizando assim a dimensão Profética.

Passa-se de uma noção de V.R. concebida como "estado de vida", "estado de perfeição", à de "Projeto de Vida", o que supõe e exige dinamismo, busca, um contínuo "vir-a-ser". Ao mesmo tempo, aprendemos a valorizar as outras vocações dentro da vocação cristã e a assumir melhor as exigências do específico da V.R. nessa vocação.

Tudo isso está intimamente relacionado com a RELEITURA DO CARISMA FUNDACIONAL e a busca de novas formas de inserção hoje. O ponto de partida não é já a "obra tradicional" e sim "o Carisma vivido hoje". A V.R. não existe para si mesma e sim como serviço de Igreja à sociedade. Isso nos ajuda a redescobrir nossas origens proféticas, nossa identidade, e a buscar continuamente, numa atitude de liberdade crítico-profética, meios e métodos mais adequados para a projeção do Carisma no hoje, aqui e agora.

Na V.R. masculina está se dando, inclusive, uma mudança muito importante, ao redescobrir o Carisma como elemen-

to determinante e a prioridade da Vida Consagrada sobre a vocação ao presbiterado (a busca da identidade do religioso-sacerdote).

2. Que impacto a nova tomada de consciência do oprimido e marginalizado teve sobre sua compreensão do Seguimento a Cristo, sua imagem de Deus e sua compreensão da Vida Religiosa Apostólica?

— A tomada de consciência do grito do oprimido e marginalizado modificou sem dúvida a compreensão e vivência da vida religioso-apostólica.

A V.R. volta a ser entendida como SEGUIMENTO DE JESUS: um Projeto de Vida, de fidelidade ao Projeto de comunhão de Jesus Cristo que assume uma Missão libertadora no Reino (Cf. Lc 4,16-21) e que, para realizá-la, se torna Servo Sofredor (Cf. Isaías). Trata-se, portanto, de seguir a Jesus e redescobrir o Seguimento do Jesus histórico, seu itinerário, dentro de uma história concreta. Daí a relação entre SEGUIMENTO e MARTÍRIO: dispor-se a seguir Jesus Cristo hoje, colocar em risco a existência, descobrir que o "Sentido da vida" (sua Pessoa, seu Projeto), é mais importante do que a mesma vida.

Assim, o Seguimento passa a ser entendido muito mais concretamente a partir da PRÁXIS HISTÓRICA DE JESUS, de seu serviço a todos, a partir do lugar social do pobre. Trata-se de seguir não só a Jesus Cristo pobre, senão a Jesus Cristo sacramentalmente presente nos crucificados da História, em milhões de homens e mulheres que, no Continente latino-americano, carecem de condições mínimas de vida.

Ao afirmar que o Magistério não é o critério da Verdade, e sim a PALAVRA DE DEUS a cujo serviço deve estar o Magistério (Cf D.V. 10,2), o Vaticano II nos remete à Palavra escrita e à Palavra viva, à revelação inacabada e aos sacramentos da história, às Ciências Sociais e Humanas, para descobrir, nas mediações históricas concretas, o apelo de Deus no grito dos empobrecidos do mundo inteiro.

Isso nos fez rever os NÍVEIS DE NOSSO SEGUIMENTO DE JESUS e sua radicalidade. Não se trata somente de imitá-lo e segui-LO, senão também de PROS-SEGUI-LO, ou seja, continuar sua missão libertadora, refazer seu processo pascal, buscar a realização da UTOPIA DO REINO a partir da LUTA PELA TRANSFORMAÇÃO DAS ESTRUTURAS DA SOCIEDADE.

Descobrimos assim UM NOVO ROSTO DE DEUS: Ele é fundamentalmente **Pai**, Sinal de fraternidade e igualdade de todos. É o **Deus Libertador**, um Deus histórico, que nos compromete na luta pela fraternidade universal. Não se trata somente de um Deus conhecido através de um estudo teológico, de muitas idéias e raciocínios, e sim de um **DEUS EXPERIÊNCIA**. Isso traz consigo toda uma nova dimensão de V.R. muito mais baseada no Seguimento de Jesus Cristo, na Palavra de Deus, em Jesus de Nazaré que se faz presente libertando e assumindo "rostos" muito concretos. Por isso Deus se nos apresenta hoje muito especialmente no **rosto do empobrecido e marginalizado** — a imensa maioria de nosso povo. E esse Rosto questiona, interpela, exige mudança de mentalidade e de coração, ruptura com idolatrias. Traz, como consequência, uma

COMPREENSÃO RENOVADA DA VIDA RELIGIOSA APOSTÓLICA.

Essa nova compreensão se dá sobretudo a partir da **INSERÇÃO**, que nos coloca continuamente em atitude de Crise, de Conversão, de Busca de continuação da Missão de Jesus, no hoje, aqui e agora.

É verdade que a razão de ser da V. Religiosa Apostólica foi sempre a Missão, desde nossas origens carismático-proféticas. Entretanto, com o tempo, chegou-se a pensar que ser religioso significava seguir a disciplina, viver as Regras, a observância. Redescobrir a Vida Religiosa como **SEGUIMENTO DE JESUS NUMA HISTÓRIA CONCRETA**, levou-nos a reler os Carismas fundacionais e retomar a missão como algo muito maior que atividades e tarefas: como aquilo que constitui o **CERNE DA VIDA CONSAGRADA**.

3. A seu modo de ver, quais são os elementos que caracterizam a Vida Religiosa Apostólica?

— Antes de tudo, a **CENTRALIDADE DA MISSÃO** dentro da Igreja, como algo que deve ser continuamente revisto à luz da Pessoa e da Práxis de Jesus, em atitude de fidelidade dinâmica. Daí a importância da **PRESENÇA**.

Viver a V.R. **PRÓXIMA DO POVO OPRIMIDO** e em comunhão com ele na Igreja. Para isso é necessário não só a presença física (ou não física às vezes), mas também a presença "política", profética, do testemunho legível, do estar com, perceber com, partilhar, conviver... Daí também a maior consciência da **IDENTIDADE DA VIDA RELIGIOSA**: não se trata de algo fundado em

cima de teorias e idéias, mas sim de uma PRÁXIS, de um PROCESSO DE SEGUIMENTO DO JESUS DO EVANGELHO DE JESUS.

Isso nos está pedindo fazer a RELEITURA DO CARISMA FUNDACIONAL HOJE, seguindo um processo semelhante ao de nossos Fundadores e Fundadoras:

- Diante de uma REALIDADE que questiona e interpela (HISTÓRIA);
- Fazer um DISCERNIMENTO dos Sinais do Espírito (LEITURA CRÍTICO-CONTEMPLATIVA DA REALIDADE);
- REINTERPRETAR O CARISMA a partir de seu núcleo, para RECRIÁ-LO e RE-EXPRESSÁ-LO hoje, em formas adequadas ao nosso tempo.

Essa fidelidade dinâmica que retém o que é válido do Passado, acolhe os desafios do Presente e se abre às perspectivas do Futuro, olha mais o Presente e o Futuro do que o Passado. Olha mais a História que a roupagem e o tradicionalismo, sem negar o valor da Instituição. Tenta conjugar três elementos constitutivos da V.R.: CARISMA, INSTITUIÇÃO, PROFETISMO, sem dicotomias e buscando o equilíbrio, diante de conflitos e tensões inevitáveis e inclusive necessárias para dinamizar a vida.

Essa síntese se dá sobretudo no campo da vivência da CONSAGRAÇÃO-MISSÃO, procurando viver a experiência de filhos de Deus (Consagração), a Vida Comunitária (Fraternidade) e o Serviço dos Irmãos (Missão), como uma UNIDADE à qual devemos tender.

Talvez três palavras sintetizem tudo isso hoje:

— PRESENÇA (encarnação, inserção).

— CONSCIÊNCIA DE IDENTIDADE (especificidade da V.R.).

— MISSÃO NA IGREJA.

Esses três elementos se explicitam através da COMUNIDADE (religiosa e cristã). Os VOTOS são MEDIAÇÕES que ajudam a viver e realizar a MISSÃO DE JESUS como Comunidade -em-Missão e Para-a-Missão.

4. Como você entende o paradoxo apostólico: "Estar no mundo mas não ser do mundo"?

— ESTAR NO MUNDO significa assumir o fato de que o lugar da Vida Religiosa Apostólica hoje é o MUNDO, mesmo o mundo de pecado. Temos que estar presentes no "templo de Deus" que é o mundo, que é o coração das pessoas (aí está também o sentido verdadeiro de "contemplação"), para perceber, também nas zonas de "aparente ausência" de Deus no mundo de hoje, seu "grito", no silêncio e amordaçamento dos marginalizados da História. ESTAR NO MUNDO significa PARTILHAR DO MESMO DESTINO DO POVO (comunidade de destino): assumir os limites, desafios, conquistas, esperanças, fracassos e lutas. Colocar — como o Verbo — "a tenda no meio do mundo" (Cf Jo 1). Daí a necessidade de a V.R. estar presente nas regiões de "fronteira", de "deserto", de "periferia", para ANUNCIAR A UTOPIA DO REINO. Viver o "já" agora, é estar no mundo, vivendo sob o signo do "ainda não", assumindo assim a pascalidade da vida humana.

Isso exige NÃO SER DO MUNDO, ou seja, denunciar tudo o que se opõe à

Utopia do Reino: o PECADO, a IDOLATRIA, a SUBVERSÃO DO PLANO DE DEUS. Não podemos ser do mundo do Poder, do Ter e do Prazer, porque nosso PROJETO deve ser outro: um projeto de PARTILHA e FRATERNIDADE, de AMIZADE e SERVIÇO. Portanto, um SINAL DE CONTESTAÇÃO dos "valores" do mundo. Daí nossa vocação de "CONSAGRADOS NO MUNDO SEM SER DO MUNDO" (Cf Jo 17,14-19), ou seja, de SANTIFICAÇÃO DO MUNDO mediante a comunidade de destino com os privilegiados do Reino, nos quais Jesus se nos apresenta de modo especial, e no combate a toda idolatria que signifique subversão dos VALORES DO REINO vividos "já e agora" mas também "ainda não plenamente".

5. Para você, qual a imagem mais significativa de Igreja? Por quê?

— Para nós, como grupo, mais do que as imagens tradicionais, nos fala a de uma **ESPIRAL EM DIREÇÃO ASCENDENTE**: algo que vai crescendo e construindo-se, sempre aberta ao futuro, atenta ao presente e ao passado.

Essa espiral simboliza o **POVO DE DEUS**, a **FAMÍLIA DOS FILHOS DE DEUS** que, em atitude de fidelidade ao **PROJETO DO PAI**, vai fazendo história e se projeta sempre mais em direção ao futuro, procurando sempre ser mais conforme **A IMAGEM DE JESUS**.

Trata-se de uma Igreja de Comunhão e Participação, Serva da Libertação.

Entretanto, olhando o Continente latino-americano e a Vida Religiosa nele, temos que confessar que essa imagem de Igreja não é a que mais se vê e sente, nem a mais procurada, apesar

de muitas coisas escritas e de muitos gestos concretos e proféticos realizados pela Igreja Institucional, Igreja Comunidade e Vida Religiosa em várias regiões e/ou países em todo o Continente latino-americano.

IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA EM NAMPULA, MOÇAMBIQUE

Em junho de 1984, **CONVERGÊNCIA** levou a todos os Religiosos do BRASIL, o apelo forte e esperançoso de Dom **MANUEL VIEIRA PINTO**, Bispo de **NAMPULA**, em **MOÇAMBIQUE**, no sentido de que Missionários brasileiros socorressem o Povo de Deus em **NAMPULA**. O apelo foi ouvido. E as Irmãs do **IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA**, do **RIO GRANDE DO SUL**, já se encontram em terras moçambicanas, para o anúncio do Evangelho aos pobres de **NAMPULA**.

De lá, alguns dias após sua chegada, enviam a Carta abaixo, endereçada a Ir. **BERNARDO** e ao Centro Missionário, em **BRASÍLIA**.

CONVERGÊNCIA se sente feliz em dar publicidade a esse texto, expressão da alegria dos que partem para evangelizar, colaborando para a construção de um mundo novo. E pede a Deus que derrame sempre sobre essas Irmãs e sobre todos os Missionários, seu Espírito de Fortaleza no anúncio do Reino.

"Nampula, 23 de agosto de 1985

Caro Ir. Bernardo e amigos do Centro Missionário:

Como estão?

Nós estamos bem, e fizemos boa viagem. Chegamos em Luanda, às 5 horas

do dia 31/07, com parada de 2 horas, porém não nos foi permitido sair do avião. Chegamos em Maputo às 10 horas (em Moçambique eram 15 horas — 5 horas de diferença). No aeroporto nos esperavam um Irmão Marista (gaúcho), Irmã Rosa em nome da CEM e o motorista da Embaixada Brasileira (um carioca). Graças a Deus, o nosso visto de entrada estava lá e não foi difícil quanto à revisão de malas, etc., embora tenha sido tudo muito demorado. Permanecemos em Maputo até o dia 04/08, por falta de vagas no avião para Nampula (o país só tem um avião para os vôos nacionais). No dia que chegamos, fomos ao Secretariado da CEM (Conferência Episcopal Moçambicana) participar da Missa de encerramento de um Curso para missionários estrangeiros. Havia algumas Irmãs brasileiras; foi uma festa. Tivemos oportunidade de conversar e perceber como esses missionários se sentem.

Em Maputo fomos hospedadas na Casa Regional das Irmãs da Apresentação de Nossa Senhora e fomos maravilhosamente recebidas e acolhidas. Tivemos oportunidade de visitar a Embaixada Brasileira (para preenchimento de fichas) e a Delegação Apostólica, onde fomos recebidas pelo Monsenhor Marchetto e seu secretário. Mostraram-se interessados por notícias do Brasil. Irmão Justino Hartmann (Marista, gaúcho, residindo em Maputo há 34 anos), nos proporcionou um giro pela cidade. É uma cidade bonita, litorânea, arborizada, que lembra a nossa Recife, porém, uma cidade vazia e pobre. Conversamos com muitas pessoas, especialmente sacerdotes e religiosos e assim podemos iniciar nossos conhecimentos sobre Moçambique.

Dia 04/08 voamos para Nampula, que fica 2.500 km ao norte de Maputo. Também encontramos pessoas nos esperando e fomos para a residência de Dom Manoel V. Pinto, Arcebispo de Nampula. Fomos muito bem recebidas e acolhidas. Dia 05 viemos ao Centro Catequético, "Anchilo", que dista 22 km.

Aqui os missionários são recebidos com muita alegria, e depositam uma esperança muito grande para a Igreja. Permaneceremos no "Anchilo" até o dia 29/8 para estudo da língua MACUA, cultura do povo macua e História da Igreja Moçambicana. Estão fazendo Curso conosco dois sacerdotes Missionários da Consolata, que irão trabalhar na Diocese de Lichinga. O Curso está sendo de muita utilidade, pois a língua macua é muito difícil e a cultura do povo muito complexa. Temos lido e ouvido bastante sobre seus costumes e usos, com o objetivo de podermos entender e trabalhar com eles. Tivemos oportunidade de participarmos em cerimônias religiosas, na Catedral e numa capela do interior. O povo participa, canta, reza na língua macua e nós ainda não entendemos nada. Esse povo se manifesta com uma expressão de alegria, como se estivesse recebendo um grande presente pela nossa presença. Há muita pobreza e sofrimento, por causa da situação de guerra. A guerra fere os sentimentos e a cultura do moçambicano. Aqui o missionário significa uma esperança, é uma Igreja muito necessitada. Para sanar a falta de missionários, formam-se Comunidades Cristãs e a maioria delas, são atendidas por animadores leigos, da própria comunidade.

D. Manoel não cansa de agradecer nossa vinda e não perde a esperança na vinda de mais missionários brasi-

leiros para a sua Arquidiocese. Realmente a necessidade é grande, o povo tem sede de paz, de vida nova.

Durante o mês de setembro iremos para ALUA, a 200 Km de Nampula para um estágio com o povo. Nesse local trabalham um sacerdote e duas Irmãs. A maioria dos missionários são portugueses e italianos. Após esse estágio iremos para nosso local de trabalho, uma Comunidade chamada Imaculada Conceição de Chalana, 200 Km de Nampula. Dizem ser uma das Comunidades mais pobres da Arquidiocese. Lá não há energia elétrica, não há comércio, não há Hospital. Apenas um posto de saúde e escola até a 4ª série. Provavelmente, Ir. Irma Toniolo, que é enfermeira, irá trabalhar no posto de saúde. É impressionante a falta de roupa; há pessoas que andam com um pano enrolado na cintura. O povo pergunta, "porque as Irmãs saem de sua terra que tem tudo e vêm para ficar conosco"? Para ele nossa presença significa uma esperança, e nossa responsabilidade é muito grande.

Queremos agradecer-lhes todo o apoio que nos deram para a concretização de nossa vinda para cá. Podemos crer, cada dia percebemos melhor a necessidade e o significado da nossa vinda para essa Igreja pobre, e temos esperança que mais missionários brasileiros atendam esse apelo. Agradecemos, de modo especial, ao Ir. Bernardo pela sua presença no aeroporto do Rio, dia 30. Esse gesto teve um significado sumamente importante para nós, uma surpresa que não esqueceremos. Deus lhes pague, pelos brindes, pelo "cafezinho"... Estaremos com todos vocês, pela oração. Contamos com as preces de vocês pela nossa adaptação e tra-

balho, tarefas muito difíceis. Abraços brasileiros para todos, das Irs. do Imaculado Coração de Maria."

Assinam: Irmã AMÉLIA MARCON, Irmã LÍDIA M. VIEIRA, Irmã LADY RIBEIRO e Irmã IRMA TONIOLO.

O CONTINGENTE SACERDOTAL DO BRASIL E SUA DISTRIBUIÇÃO

A edição do Anuário Católico do Brasil — 1985 — coloca à nossa disposição um conjunto de informações que, trabalhadas estatisticamente, nos propiciam uma visão panorâmica de componentes importantes do quadro atual da Igreja no País. Um destes componentes é o que diz respeito ao contingente sacerdotal do Brasil, sua distribuição pelos diversos regionais da CNBB e sua análise em relação ao nosso contingente populacional.

A tabela que ora publicamos nos permite constatar, em 1984, um efetivo de 13.155 sacerdotes a serviço da Igreja no Brasil, para uma população estimada, igualmente em 1984, de 132.580.000 habitantes, donde a relação média de 1 sacerdote para cada grupo de 10.000 habitantes. Do total de sacerdotes, 5.464 (41,5%) pertencem ao clero secular e 7.691 (58,5%) são vinculados às diversas Ordens e Congregações Religiosas, Institutos seculares e Sociedades de Vida Apostólica, que englobamos sob o nome geral de Institutos.

Atendo-nos inicialmente aos números referentes ao clero secular, podemos observar que dos 4.488 sacerdotes residentes no próprio Regional em que se inscreve a sua Circunscrição Eclesiástica de Incardinação, 48,4% residem

nos Regionais Sul, onde vivem 37,1% da população nacional, e 26,0% residem nos Regionais Leste, que abrigam 21,9% da população. Já os Regionais Nordeste, onde vivem 28,9% dos brasileiros, contam com apenas 20,5% desses sacerdotes, enquanto que no conjunto dos Regionais Norte, Extremo-Oeste a situação é, neste particular, ainda mais crítica, porquanto abrigam cerca de 12,0% da população do País e contam com apenas 5,1% do total de sacerdotes que residem no Regional de sua incardinação.

Por outro lado, 976 sacerdotes ou quase 1/5 do contingente do clero secular do País não estão incardinados em Circunscrições Eclesiásticas do Regional onde atualmente residem. Este número inclui tanto os sacerdotes residentes no exterior ou em Regional que não aquele ao qual pertence a sua Circunscrição Eclesiástica brasileira de incardinação, como os sacerdotes incardinados no exterior e residentes no Brasil. A vinda destes para o nosso País e os deslocamentos internos, de um Regional para outro (não estão computados aqui os sacerdotes que se transferiram em definitivo), têm beneficiado sobretudo os Regionais Sul 1 e Leste 1 que, sozinhos, receberam 41,5% desses sacerdotes.

Considerando agora os sacerdotes vinculados aos diversos Institutos, verificamos que os Regionais Sul são, também neste particular, os mais privilegiados na sua atual distribuição, já que aí atuam 48,5% do seu contingente, apesar de a população local constituir apenas 37,1% dos brasileiros, como acima notado. Em seguida vêm os Regio-

nais Norte, Extremo-Oeste e Centro-Oeste que, agrupados, contam com cerca de 12,0% da população brasileira e com 15,0% dos sacerdotes. Os residentes nos Regionais Leste são 20,0% do total, para 21,9% da população, e os sacerdotes residentes nos Regionais Nordeste são apenas 12,4%, apesar de sua população constituir 28,9% do total nacional.

A conjugação desses vários fatores tem resultado num desequilíbrio flagrante no que toca à distribuição do total de sacerdotes, do clero secular e dos Institutos, nos diferentes Regionais. Dentro de um quadro geral de carência, configurado pela relação média de 1 sacerdote para cada 10.000 brasileiros, constatamos que enquanto na Região Sul do País essa relação melhora para 1/6.000, na Região Nordeste ela se agrava para 1/18.000. E se o concurso para fazer face à situação crítica de carência de clero secular em Regionais como o Norte 1 e o Extremo-Oeste, a presença relativamente menos expressiva dos Institutos no Nordeste faz com que os Regionais aí situados acusem, em comparação com os demais, a maior taxa (55,1% em média) de sacerdotes do clero secular em relação ao total de sacerdotes atuantes na Região. Esta taxa não pode, portanto, ser interpretada como se a Igreja no Nordeste contasse com um efetivo considerável de sacerdotes seculares, de modo a necessitar menos da colaboração dos Institutos para o serviço sacerdotal de sua população. Ao contrário, ela se explica justamente pela ausência relativa dos Institutos na Região, o que concorre para a configuração de um quadro crítico local no que tange à relação sacerdote/habitantes.

DISTRIBUIÇÃO DOS SACERDOTES DO CLERO SECULAR E DOS INSTITUTOS E RELAÇÃO
ENTRE O CONTINGENTE SACERDOTAL E POPULACIONAL, POR REGIONAIS DA CNBB
BRASIL — 1984

REGIONAIS DA CNBB	SACERDOTES					POPULAÇÃO ESTIMADA (1.000)	HABITANTES POR SACERDOTE (1.000)
	DO CLERO SECULAR			DOS INSTITUTOS	TOTAL		
	Incardinados e Residentes	Não Incardinados mas Residentes	Total				
NORTE 1	25	27	52	279	331	2.809	8,4
NORTE 2	46	34	80	246	326	4.265	13,0
NORDESTE 1	230	24	254	136	390	5.785	14,8
NORDESTE 2	334	89	423	342	765	13.917	18,1
NORDESTE 3	232	93	325	292	617	11.764	19,0
NORDESTE 4	124	50	174	186	360	6.903	19,1
LESTE 1	308	168	476	627	1.103	12.502	11,3
LESTE 2	861	61	922	913	1.835	16.620	9,0
SUL 1	959	211	1.170	1.699	2.869	28.820	10,0
SUL 2	280	51	331	909	1.240	7.994	6,4
SUL 3	687	14	701	754	1.455	8.358	5,7
SUL 4	246	10	256	373	629	4.011	6,3
CENTRO-OESTE	122	54	176	340	516	5.852	11,3
EXTREMO-OESTE	34	26	60	292	352	2.980	8,4
No Exterior	—	64	64	303	367	—	—
TOTAL	4.488	976	5.464	7.691	13.155	132.580	10,0

FONTES: CERIS, Anuário Católico do Brasil — 1985; IBGE, Anuário Estatístico do Brasil — 1984

IRMÃ ANTONIETA FARANI, "A CANTORA DO AMOR"

Quem foi Irmã Antonieta? Que fez ela para merecer o entusiasmo de suas Irmãs e o esforço para tentar levá-la à honra dos altares?

Nasceu em Curitiba (Cidade Sorriso), aos 29 de julho de 1906, filha de José Farani e Rafaela Milito. Recebeu no batismo o nome de Maria Concetta. De família abastada e muito cristã, a menina foi educada na escola de uma inabalável fé na Divina Providência, fundamento de toda a sua vida.

Muito cedo perdeu o pai, fato doloroso que obrigou a pequena família a tomar um rumo diferente, experimentando dias difíceis e nublados. Mas a virtude da mãe, mulher forte e resoluta, plasmou o coração dos filhos; ainda pequenos, na aceitação dos sofrimentos da vida como sinal evidente dos planos de Deus.

Maria Concetta, a mais velha de quatro irmãos, inteligente e comunicativa, logo se tornou o arrimo da mãe. Aos 14 anos já trabalhava. Começou, cedo, a experiência de que o sofrimento é a prova da benevolência divina, crescendo assim em sua alma o atrativo pelas coisas de Deus.

Aos 21 anos, Maria Concetta entrou para a Congregação das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz. Vestindo o hábito religioso, recebeu o nome de Ir. Antonieta de São Miguel Arcanjo. Dedicou-se à vida de apostolado como educadora de jovens, formação de jovens para a vida religiosa, atividades

paroquiais, magistério, assistência em hospitais, dedicação à "terceira idade".

Foram-lhe confiados por diversas vezes cargos de responsabilidade na Congregação: atuou como Superiora, Mestre de Noviças, Conselheira Provincial e Provincial, cargo que exercia quando foi chamada à Casa do Pai. Era o dia 7 de maio de 1963, quando o Senhor a levou para junto de Si, para dar-lhe a recompensa de seus trabalhos na dedicação e amor aos irmãos. Seus 57 anos de existência se escoaram rapidamente, marcados pelo sofrimento e pelas inevitáveis incompreensões na vida daqueles que se entregam totalmente ao Senhor.

Cristo no alto da Cruz, numa prova de amor, pediu ao Pai: "... perdoai-lhes porque não sabem o que fazem".

Ir. Antonieta, fiel discípula de Jesus Crucificado, no Calvário de sua vida, impulsionada pelo amor, "suspirando pela dor a fim de viver de amor" (in DIÁRIO DE IRMÃ ANTONIETA), soube perdoar e por isso é conhecida como "A FREIRA DO PERDÃO" (in BIOGRAFIA da SERVA DE DEUS, Afonso de Santa Cruz).

Desde a morte de Irmã Antonieta, em São Paulo, cresceu sua fama de santidade. O processo acerca da heroicidade de suas virtudes se impôs. Iniciado em 1982, o PROCESSO INFORMATIVO DA CAUSA DE BEATIFICAÇÃO da Serva de Deus Irmã ANTONIETA FARANI se encerrou em dezembro de 1985, sob a presidência do Emmº Sr. Cardeal D. PAULO EVARISTO ARNS.

Ir. MARIA CECÍLIA, Passionista

O PROFETA

JESUS DE NAZARÉ

*Profeta é quem fala em nome de Deus. Em JESUS
era o próprio Deus quem falava.
Jesus é a Palavra encarnada. O Verbo feito Homem.
Realmente Deus. Realmente Homem. Era o
próprio Deus falando, sem metáforas nem jogos de palavras.*

Frei Hugo D. Baggio, OFM
Niterói, RJ

Uma fala diferente

De repente, o povo da Palestina amanheceu com uma voz diferente enchendo os espaços físicos e os corações esvaziados. Sem grandes alar-des, o homem Jesus nasceu, participou de alguns eventos, mas de maneira tão humilde que, caso tivessem existido meios de comunicação, naquela altura da história, nem se teriam dado conta dele, talvez. Com a mesma simplicidade começou a falar...

Na tradição de Israel, o pregador ambulante e fora do templo ou das sinagogas era uma figura familiar. Em todos os tempos, mas de modo especial em tempos de crise, levantavam-se vozes autorizadas que se diziam intérpretes de Deus e ajudavam o povo a compreender a situação, a participar da mesma e a tomar os fios dos acontecimentos em suas mãos para conduzi-los ao foco único de Israel: Deus. A esta palavra inflamada, ainda que chicotean-

te, os judeus sabiam que Deus ainda pensava neles. A ausência de profetas era para este povo instável de cabeça dura o sinal de que Deus os esquecera. Enquanto que a existência de profetas fora sempre a nota distintiva da religião que tinha na "inspiração" a forma de Deus comunicar-se com seu povo. Viviam, é verdade, paradoxalmente esta experiência: de um lado, sentiam-se cortados de Javé quando não havia homens falando dele e por ele, mas do outro lutavam abertamente contra estes mesmos mensageiros, combatendo-lhes a ação e esvaziando-lhes a mensagem, sem contar com as perseguições e os homicídios.

Em todo o caso, quando naqueles dias, espiritualmente luminosos, Jesus apareceu falando, não era um fenômeno estranho, algo de anormal, um "cometa" cruzando os céus, mas sim um momento alto, conhecido de sua história e até de sua experiência pessoal. O fenômeno estava no "modo" como este profeta falava. Ali

sim. Ali havia algo de estranho, de novo, de perturbador. Quando o povo fazia seu julgamento de que ele “falava com autoridade” (Mt 7,29), manifestava aquele “sensus fidelium” que detecta a verdade e capta as coordenadas dentro das quais se movimenta o pregador. É a prova da assistência do Espírito de Deus que, se por vezes parece ausente do pregador, está presente no auditório. Por isso, o auditório não se deixa manipular por muito tempo. O povo “sente” onde Deus está e onde Deus fala. Ao bom pregador, dizia São João Crisóstomo, Deus dá um bom auditório, entendendo por “bom” não tanto o eloquente, o explanador de idéias, o manejador de artifícios retóricos, mas aquele que está afinado com Deus, “pois afinal só Deus é bom”, aquele que bebe de Deus a mensagem que passa adiante, por isso é fiel a esta mensagem até a comprovação com o próprio sangue.

Jesus não só falava de Deus. Era o próprio Deus que falava. Mesmo que estejamos impregnados de conceitos teológicos e de fórmulas literárias ou “modos de dizer” — ou talvez por isso mesmo —, deveríamos parar um instante nesta afirmação que muitas vezes pronunciamos e mais vezes ouvimos: Jesus é a Palavra encarnada. O Verbo feito Carne. Realmente Deus, mas realmente homem, o que significa que não só falava em nome de alguém, mas era o próprio Deus falando, sem metáforas ou jogos de palavras. Por isso, podiam os guardas responder aos enfatuados fariseus, que pensavam calar a voz do profeta com ameaças ou uma prisão de grades de ferro: Jamais homem algum falou como ele

“fala”. Frisavam, na sua simplicidade cultural, mas na sabedoria da fé o “como”: haviam escutado rabinos destilando sabedoria, em longos e elaborados discursos; haviam assistido a discussões de alto nível, onde as inteligências esgrimavam nas alturas, e os “responsáveis” pela conservação da doutrina usavam todos os expedientes para salvaguardar a “pureza” da revelação, mas na verdade estavam defendendo a semântica apenas, o que, no fundo, era a defesa de suas posições carregadas de privilégios. Esses doutos senhores sabiam que a mudança da terminologia significava a mudança daquilo que eles haviam ensinado até aquele momento, vale dizer, o que eles pensavam. Se as palavras “fariseu” ou “saduceu” ou “rabi” ou outro título fossem passadas pelo crivo da crítica honesta, ou fossem aproximadas à Palavra pura de Deus, elas apareceriam em sua verdadeira dimensão e tais títulos deixariam de representar uma série de poderes e mordomias. Daí o perigo de análises muito profundas e, sobretudo, o perigo de que muitos se metessem a analisar. Por isso, contentavam-se com vãos olímpicos, restrições e proibições para que o menor número possível de iniciados entrasse na área por onde navegavam.

E, de repente, neste meio artificialmente conduzido e manipulado, aparece Cristo falando com desembaraço, livre, sem truques lingüísticos, tocando os problemas do dia-a-dia, sobretudo, mostrando que estes problemas que acontecem nos relacionamentos humanos é que são importantes e o que conta. Não adianta muito você saber o que um

sábio rabino ou mestre de Israel pensava de certos problemas, gestos rituais ou passagens difíceis da Escritura — ou, no nosso caso, o que pensava Santo Tomás sobre a Igreja, os Bispos, ou a Vida Religiosa —, se você não procura saber o que eles pensavam da **vivência** destas realidades e de suas implicações históricas. Pior ainda, se você pensa que eles disseram tudo, já pronunciaram a última palavra, e depois deles nada mais resta a dizer. Basta repeti-los, como fecho de toda problemática. O profeta Jesus mostrava o outro lado: a partir deles havia muita coisa a fazer. Nada de parar, ruminantemente, mas descobrir as entrelinhas da Palavra de Deus e da palavra que ele inspirou aos homens. Por isso, os simples intuíram logo que ninguém ainda havia falado “como” ele estava falando.

Perceberam que este Profeta empregava uma velha técnica de maneira toda nova. Usava a palavra, usava as comparações, arquitetava parábolas, como os outros profetas o haviam feito. Só que ele usava uma fonte nova, pura, singela, límpida, como as nascentes do Jordão, ensombradas pelo verde lá do norte, antes de entrar nas regiões poluídas das terras habitadas, e desaguar na água apodrecida do miasma do Mar Morto. Era esta a imagem que lhes afluía às mentes: os fariseus com seus rabis extraíam água do Mar Morto e tentavam dessedentar o povo com estas águas poluídas que traziam em seu bojo toda a podridão recolhida na caminhada ziguezagueante ao longo dos tempos. Daí o gosto amargo deixado naqueles corações desiludidos, onde a esperan-

ça teimava por sobreviver. Com Jesus dava-se exatamente o contrário: arrancava sua água das nascentes límpidas e matinais, onde impureza alguma havia ali sedimentado. Daí a alegre sensação de estarem bebendo água pela primeira vez.

Todos, de um modo ou do outro, colhiam a sensação de estar frente a um homem de **falar diferente**. Este “diferente” assume, aqui, toda a verdade que a palavra encerra, quando nela nos detemos. O fenómeno-profeta era continuação de um procedimento judaico. A forma pública de aparecer, falar e missionar era reconhecida. Por isso diziam que ele se parecia com “algum dos profetas”. Mas o modo era novo. De uma novidade tal que todos largavam os arados nos regos da terra, as redes às margens do lago, as enxadadas e os machados nos eitos das roças, os rebanhos nas encostas e... até os cobradores de impostos desgrudavam-se de suas bancas, ou as prostitutas se esgueiravam, ocultas em grandes mantos, todos afinal para ouvir a grande voz que enchia vales e montes, cidades e descampados, dizendo coisas inquietantes, mas consoladoras, silenciando os “infalíveis”, com frases curtas e cortantes. Conseguia com uma comparação, uma parábola, um gesto eloquente, plantar certezas que a longa espera fizera até pensar que não mais existiam. Descobriram que este homem, estranho e maravilhoso, real e realista, entendia mesmo de Deus e dos homens. Porque conhecia bem estes dois extremos, estava em condição de fazer uma maravilhosa síntese daquilo que era o homem, do que experimentava nesta história, com aquilo que Deus dele

queria e com aquilo que o aguardava depois da história. Todos aqueles elementos que faltavam para formar uma cadeia única eram postos ante os olhos e ninguém mais se sentia marginalizado ao círculo da convivência com Deus, mas incluído neste maravilhoso partilhar da vida divina. Já não havia uma classe privilegiada que tinha acesso a Deus e uma multidão maldita que devia ficar à distância. Todos os homens recuperavam seu lugar, de modo especial aqueles que mais marcadamente haviam sido excluídos. Daí a sensação de segurança, pois nada mais importante que conseguir "situar-se", porque todos os relacionamentos humanos aparecem, então, em suas exigências e também em suas magníficas possibilidades e verdadeiras dimensões.

Uma problemática diferente

A pregação, em Israel, experimentara diferentes momentos: desde a mais alta fulguração até a decadência mais dolorosa. Houve homens de falar de fogo que, em seu rastro, deixaram a destruição dos ídolos e das paixões, e abalaram as estruturas humanas mais audaciosas, sobrando apenas a "cana fumegante", como rasto esperançoso de um glorioso amanhecer. A palavra do profeta entrou no palácio real e abalou a prepotência e a vaidade dos reis, levando-os a confessar seu pecado e a entrar na penitência reparadora da veste-de-saco e do pão-e-água, para que Deus deles tivesse piedade. Esta mesma palavra levou exércitos a deporem as armas e dobrarem seus joelhos ante a estratégia de Deus, que se opunha aos mirabolantes planos humanos. Mas es-

ta palavra profética teve também momentos de abatimento, quando o profeta se viu jogado ao solo, esmagado, confundido, difamado, desmentido, vilipendiado, frustrado, qual um abandonado de Deus. A palavra profética experimentou as maquinações dos reinos que, de todos os jeitos, a queriam pôr a seu serviço, instrumentalizando-a como uma aprovação solene de Deus aos seus desmandos. A Palavra, no entanto, tinha sempre a última palavra...

Quando Jesus apareceu, os reinos do mundo estavam já armados como os de antanho, prontos a combatê-lo ou a manipulá-lo. A primeira experiência de Jesus, no deserto, foi exatamente uma prova de fidelidade à palavra empenhada com o Pai em oposição a planos outros fora do projeto de Deus. E Jesus mostrou, de saída, que não viera "negociar" com a palavra, nem a sujeitava a projetos interesseiros. Era uma pregação caracterizada pela verdade, por isso marcada com uma série de atitudes vitais:

a. **Não vim para abolir:** a noção que o homem, via de regra, tem na sua concepção sobre o "novo", é algo criado fora do que existe já. É uma realidade como que caída do alto ou vinda de fora, estruturada no nada, desligada do todo. Não somos capazes, ou não queremos ver o novo, como floração, como rebento, como ressurreição, como complementação, como plenificação. Por isso, as tentativas de inovar acabam, não raro, em destruições. Um reduzir a ruínas para reedificar sobre. Em vez de revigorar as poucas esperanças que ainda fumegam, ou reverdecer o resto do tronco vitalizante, acabamos por condená-los

completamente, votando ao esquecimento idéias, locais, tradições que levam a marca de Deus. E, nesta linha, decepçionamo-nos com os profetas que assim não procedem. Jesus cuidou de não ser a esponja da obra de Deus, mas o regador e vitalizador desta mesma obra. Ele trazia a tesoura da poda e até o machado cortante, mas sabia respeitar o olhozinho do tronco, como bruxuleante vida, prestes a irromper e a recobrir de verdes ramos o retorcido tronco, onde os velhos galhos já haviam sido atados em feixes e entregues para pasto das chamas. Daí, o profundo significado do dito de Jesus: não vim abolir, mas consumir (Mt 5,17). Não queria riscar normas ou facilitar vivências. Queria explicitar e dar maturidade. Não queria elaborar um novo conjunto de comportamentos. Queria dar sentido completo aos comportamentos, já tão carcomidos pelas interpretações humanas, que tanto os afastavam do primitivo plano de Deus. Não queria tomar o lugar do Autor da lei. Queria que a lei refluísse ao seu Autor. Não queria deixar o homem à mercê de si mesmo, nem de estranhas potestades que se erigiam em divindades. Queria que o homem encontrasse, no seu agir, ressonâncias divinas.

Por isso, não embrulha as prescrições em transparentes papéis com rótulos como "já não têm o mesmo valor" ou "os tempos mudaram" ou "não são para os nossos dias". Nem as trata com o desdém de coisas superadas que devem ser guardadas no sótão. Nem tão pouco banca o "avançado" que tenta viver fora de tudo quanto significa prescrição, transparecendo a falsa sensação de

liberado. Do outro lado, no entanto, não faz da lei o bloco maciço que, qual âncora de ferro pesado, deixa o barco da instituição fundeado na enseada dos séculos. A lei é vida e a vida está em ritmo de crescimento. Caminha. Transforma-se. Muda de aspecto. Altera formas. Revela mistérios escondidos. Atualiza potencialidades. Matura. Toma corpo. Vira gente. Torna hoje possibilidades que desde ontem estavam em seu seio. Vai se consumando, lembrando que "consumar" evoca completar, concluir, terminar, aperfeiçoar, acabar, como algo que foi levado a exteriorizar suas potencialidades ao máximo. Ele não viera para dizer que os profetas anteriores tinham-se equivocado ou até nada fizeram, ou se algo fizeram, foi fora de propósito. Cada profeta colocou seu tijolo no edifício de Deus e ele, Jesus, viera para, como consumidor da construção, dar a última demão. E mais que isso: ultimar a construção.

É forçoso que tenha encontrado oposição. E oposição cerrada. De um lado, os legalistas, defensores de uma instituição rígida, que rejeitavam qualquer interpretação da parte de Jesus, pois tal hermenêutica desmascarava as interpretações que eles davam, interpretações que acabavam sendo o suporte à tirania por eles exercida sobre as massas. Por sua vez, os relaxados erguiam-se também, pois Jesus lhes recordava que a Palavra de Deus continuava válida e continuava a ser norma de comportamentos, paradigma, ponto referencial para todos os homens. Com isso, insinuava que o código que haviam elaborado não passava de uma adaptação nascida "da du-

reza de seus corações”, mas a vontade de Deus fora bem outra. Explicitando Jesus a vontade de Deus, estourava todo um arranjo que, no correr dos séculos, haviam concebido, numa consciente ignorância das exigências de Deus. Dois blocos, pois, que se serviam da lei: um tornando-a intocável, outro fazendo-a inexistente. Duas maneiras de colocá-la a serviço de seus interesses. Jesus exerceu sua função de Profeta estourando estes baluartes e apontando para as dimensões escondidas do relacionamento Deus-homem, homem-homem, homem-comunidade, homem-bens. Sabia que estava provocando conflitos. Nem por isso deixou de falar. Viera para esclarecer a situação e não colocar panos quentes. Viera para acender fogueiras e não fogos fátuos ou ardentias que brincam sobre as ondas. Fogos reais que, na sua violência, queimariam as impurezas com que os homens haviam envolto o plano de Deus e esclerosado suas leis. Quem olha, na superficialidade, o trabalho do Profeta Jesus, pensa-o um agitador. Na verdade, a última gota que selou sua consumação final foi justamente a pecha de agitador. Desestabilizava as estruturas que o homem havia adotado para si. Toda purificação passa pelo sofrimento. Só se torna puro aquele que aceita o desafio do sofrimento. Jesus mesmo, na sua fala profética, elabora esta tese que repugna ao pensamento terreno mas que se afina com o agir de Deus. Não viera libertar-nos das realidades terrenas e suas implicações por vezes misteriosas e difíceis de engatar em nossos encaixes limitados e de horizontes curtos. Ele nos queria libertar das dependências

desumanas criadas pelos homens. Não se trata da anulação das realidades, mas de sua purificação. Não viera abolir cruces, sofrimentos, estruturas, sistemas, trabalho, organizações. Veio ensinar qual o lugar certo de cada coisa, porque pôr no lugar é promover a ordem e a ordem é sinônimo de paz. Sobretudo esforçou-se por mostrar qual o lugar do homem dentro desta organização histórica. Livrá-lo e ajudá-lo a ocupar aquela posição que lhe cabe por vontade e determinação do Pai. Foi Profeta realista que não se iludiu nem iludiu com manipulações doutrinárias.

b. Vim anunciar e denunciar: o homem cercado por um ambiente mórbido, torna-se mórbido. Cercado por realidades e instituições apodrecidas, apodrece. Imerso na desesperança, torna-se desesperado. Precisa saber, e saber profundamente, que existe um amanhã. Vale dizer que não está cercado por muralhas impenetráveis e sem saída. Sempre há uma porta — misteriosa e invisível por vezes — mas sempre uma porta que se abre para o infinito das possibilidades de Deus. Não na acepção de porta de escape ou de fuga, por onde emigram nossas decepções ou incapacidades de viver. Mas a porta de Deus, por onde o sol da aurora vai entrando de mansinho e derramando luzes sobre a nossa jornada desbotada e raquítica de esperanças. O Profeta Jesus anuncia sempre este momento “diferente”. Nenhum homem cria situações impossíveis de resolver ou de superar. Toda arquitetura humana tem um ponto frágil que nasce da situação criatural do homem. Toda armação humana, por mais viçosa que apareça,

cairá exatamente por esta fragilidade. Mesmo os impérios da maldade, com seus mecanismos de pressão com que os poderosos tentam esmagar os fracos, têm seu fundamento de barro, seu "calcanhar de Aquiles" que os levará ao aniquilamento, como bem o compreendeu a Virgem Maria no seu Magnificat.

Por isto a tonalidade de todo o anúncio é **LIBERTADOR**: nenhuma cadeia será mais poderosa que o poder de Deus. A própria Palavra de Deus não se deixa amarrar, nem tão pouco aqueles que a proclamam (2 Tim, 2). Uma cabeça cortada, uma boca silenciada, uma fogueira ardendo não diminuem, absolutamente, o poder da palavra libertadora. Uma vez solta no ar, ela é fecundada por si mesma. É semente fecundada. Corre mundos, povoa espaços, enche corações, torna-se messe, que se transforma, por sua vez, em trigo para os famintos dos caminhos da história. Por isso, desde que Jesus pregou, nos mais inesperados púlpitos de sua terra, o Verbo teima em brotar por toda a parte, porque, no dizer de Santo Agostinho, a história "está grávida de Cristo". E a história não é o abstrato da realidade, mas a própria realidade. Cristão é o ser humano fecundado por Cristo, sempre pronto a gerar todos os anúncios libertadores que nele moram, porque Cristo tornou o cristão cheio de ânsias incontidas e de desejos propulsores. Por isso, desde então, existem homens e mulheres capazes de renunciar a toda qualquer atividade fecundadora, para pôr-se a serviço desta gestação de que o mundo todo sofre, como diz S. Paulo, cujo fruto magnífico madura neste anúncio (Gal 4,19).

Tão bonito pensar: o Anjo do Senhor anunciou a Maria e ela ficou cheia do Espírito Santo! A Igreja é o grande espaço onde se agrupam os arautos grávidos de Cristo, para que o mundo ouça suas vozes e ofereça seus seios para que neles seja depositada a semente do anúncio libertador. Anunciar tornou-se uma vocação, um imperativo que levou São Paulo a temer pela própria salvação, caso não abraçasse, em total disponibilidade e vital execução (1 Cor 9,16).

Há momentos na história, em que a morte paira nos horizontes, disfarçada em mil sutis organizações, em que o grito da massa oprimida se ergue mais forte e o sangue inocente corre mais abundante. Nesta hora, a consciência do profeta inflama-se de santa violência — pathos — e os púlpitos transformam-se na única tribuna livre capaz de anunciar a liberdade e denunciar a opressão sob todas as formas com que vem armada. Sempre, em nome de Deus, revivem a ação de Jesus, mesmo ao preço do próprio sangue e da própria vida, de que as páginas da história estão cheias, formando como que mil riachos ou filetes que se vão juntar ao copioso sangue do Profeta Jesus, derramado no cume do Calvário, quando Jesus selou seu anúncio e sua denúncia com sua vida oferecida pela salvação e libertação de todos. Por isso, ao anúncio e à denúncia ficou inseparavelmente ligado o risco da própria vida. Como a mãe grávida que corre o risco de ter de optar entre sua vida e a vida que traz em si, assim o profeta deve estar lucidamente cômico deste risco e abraçá-lo juntamente com a vocação. O Profeta de Nazaré

anunciou a liberdade ao preço da própria vida, tanto que a cruz se lhe tornou distintivo e marca. O cristianismo é religião de libertação e de morte, embora, no correr da história, tenha, por vezes, esquecido esta prioridade e se tenha perfilado com escravizadores. Mas sempre por breve tempo, porque Deus cuidou que recuperasse, sempre de novo, esta dimensão. Por isso, em cada momento histórico apareceram os "Profetas Jesus" que, no poder de sua voz, na convicção de sua palavra, no ardor de seu zelo e na oferta de suas vidas fizeram a liberdade vicejar, regada, via de regra, com o sangue fecundo destes mesmos profetas. Assim, a esperança e a liberdade conseguem, sempre de novo, aparecer como uma realidade possível, porque há quem anuncia e denuncia...

c. **Vim trazer fogo:** aqui, uma das imagens ardentes de Jesus. Aliás, os profetas são sempre vigorosos em suas figuras. Até exagerados. Usam largamente da hipérbole, ou seja, maneira forte, forma extrema da expressão para atingir o efeito desejado. O homem tem a capacidade de acomodar-se facilmente. Adormece na realidade. Acostuma-se até às formas violentas do seu momento histórico, deixando-se ficar na inércia. Necessita, por isso, de sacudidas e de abalos, de empurrões, até de violências que o sacudam e acordem. Talvez seja esta a razão de a linguagem profética ser forte e vigorosa. O próprio Jesus caracteriza-se por isso. De tal maneira que seus ouvintes, por vezes, escandalizavam-se de suas expressões. Mas ele não voltava atrás. Procurava, simples-

mente, outra forma de falar para repetir a afirmação.

"Vim trazer fogo", dizia (Lc 12,49), elemento devastador e vezes tantas superior às forças do homem. Haverá maior impotência experimentada pelo homem do que quando frente à massa incandescente que devora um prédio ou consome uma floresta? Jesus não veio trazer uma cintilação comprometida, onde o silêncio se compra ou se vende, ou se negociam pactos e se elaboram tratados e convenções, de tal maneira que todos os lados se saiam bem, mesmo quando a justiça e a verdade fiquem sob os pés das ambições mesquinhas. O fogo não escolhe algumas árvores ou algumas ramas, passando ao largo das demais. Todas as que se encontram em seu caminho serão devoradas. Assim a força da palavra profética. Queimar significa arrancar elementos. O despojamento está sempre presente na profecia de Jesus. Não é possível servir ao fogo e à brisa mansa. À água fresca e ao trabalho sob o sol causticante. Ou uma coisa ou outra. Jesus é sempre tomada de posição, ou como dizia Simeão a respeito dele (Lc 2,34), "sinal de contradição", obrigando o homem a colocar até os laços de família em jogo. Deve ele ser capaz de deixar tudo pelas exigências do Reino. Não apenas bens materiais ou apegos afetivos, mas posições intelectuais, pontos de vista, análises sociológicas ou eclesiais. Ali bate o teste de sua palavra. Ele quer ser entendido, assim como ele falou, mesmo que muitos queiram que ele tenha falado como eles entendem... Outros, mesmo, querem que ele nem tenha falado, e outros, mais afoitos, colocam em suas pala-

vras aquilo que eles pensam que ele deveria ter dito. É a tentação da triagem: escolho determinados textos que me convêm. Desligo-os do todo e construo meu arranjo evangélico, circunscrevo meu cristianismo e dentro dele começo a movimentar-me, sujeitando-lhe minha moral e as respectivas exigências...

Mas o fogo de Jesus não foi trazido para agüentar minha poça estagnada de água morna (Deus abomina as coisas mornas), onde toda palavra boa se afoga e toda iniciativa fica barrada. Ele quer que o fogo arda, ainda que seja nos galhos secos das nossas imperfeições e limitações. Ao contacto deste fogo, todo graveto acaba por abrasar-se, isto é, tornar-se brasa. Há momentos históricos em que é necessário "pôr lenha na fogueira", para que à luz do fogo novo nossos olhos se abram e vejam a injustiça campeando pelas ruas, ao som de fanfarras e ao compasso das vozes roucas que apregoam o advento da maldade. Para que, ao calor deste fogo, nossos membros se desenrijeçam, nossos passos se soltem, e como o cego do Evangelho, possamos "dar o pulo" e chegar perto de Jesus. Infelizmente, fogueiras houve que queimaram homens e mulheres na falsa suposição de que se estava processando uma purificação da Palavra de Deus, ou salvaguardando o depósito da fé, quando, na verdade, se estavam defendendo interesses cegos e princípios sustentadores de regimes iníquos. Vistas à distância, estas fogueiras colocam-se como rolos de fumaça negra poluindo a Palavra de Deus e enegrecendo o nome daqueles que se arvoraram em defensores desta mesma Palavra.

Voltam sempre, também hoje, os grupos que se proclamam interessados na "pureza" da doutrina, ou melhor dito, na expressão verbal desta doutrina, mas esquecem os homens que são os destinatários da mesma. Há uma batalha pela palavra, ao lado de uma grande inércia na aplicação concreta e histórica desta palavra. Pior ainda, quando a luta pela pureza desta doutrina não passa de disfarçada busca de autopromoção ou defesa de privilégios que brotam da distorção da Palavra. Jesus procurou limpar a área onde pregava, como o faziam os habitantes do campo que ateavam fogo à área, antes de nela lançar a semente. Tinha também presente a imagem de Isaías, quando o Anjo do Senhor lhe purificou os lábios com brasa ardente. Terreno e semente são purificados: não basta FALAR ortodoxamente, mas VIVER também. Não basta preparar a semente, urge cuidar do campo também...

d. Falar e fazer: por isso Jesus chamava a atenção para as duas realidades que se completam: falar e fazer. Dizia desafiadoramente: se não quiserem aceitar os termos e as formulações de minhas posições atentem, ao menos, para os meus atos. Há nele uma coerência. Uma força interna. Uma lógica. Uma explicação eloqüente daquilo que venho dizendo. Não sou fazedor de teorias, nem de termos infalíveis em si mesmos. Não sou codificador de fórmulas, porque a arte de mumificar pertence aos egípcios, entre os quais, vivi por algum tempo sem copiar-lhes a ciência. Não me amarro em definições irreformáveis. Minha doutrina não é flor exótica que floresce no além. Tento acender luzes

para pontilhar caminhos, para desencadear processos novos. Admito que na explicação aconteçam ambigüidades. É o preço pago à limitação humana. Mas não devem nascer estas ambigüidades de um antagonismo existente entre o falar e o agir, ou, menos ainda, da maldade interpretativa, orientada por interesses excusos, com matizes de esquerda ou direita, conservadorismo ou progressismo. Por isso, quando me lêem não me vejam como alguém que está tomando posições ao lado de sistemas existentes ou de programas reformistas ou de regimes estabelecidos, porque continuo com a idéia de que "quem vos governa, vos tiraniza" (Mc 10,42), independentemente se sobre a cabeça ostentais uma coroa de rei ou uma coroa de sumo sacerdote. Nem vos façais "donos" de minhas palavras, como únicos capazes de lhes dar cobertura, descobrir o âmago e encontrar-lhes o suco profundo e substancial. O poder é sorrateiramente absorvente, e é capaz de sentir-se substituto de Deus, ou até manipulador de Deus. De minha parte continuo afirmando que, "por vontade de meu Pai, a revelação pertence aos pequeninos" (Lc 10,21). Não armeis muitos esquemas para congelar minhas palavras, porque correis o risco de estar limitando a ação do Espírito que ama a liberdade ampla e plena, pois ele é como o vento "que sopra por todos os lados, como lhe apraz", livre pelas campinas (Jo 3,8). Nem criéis muitas comissões para vigiar a minha palavra, porque o Verbo de Deus não se deixa computadorizar e não cabe dentro de esquemas nascidos mais do medo que do amor à Palavra.

Eu ajo e falo. Neste agir aparece a palavra como fonte pura de inspiração. Porque o falar, no homem, é bem mais cômodo e simples do que o agir. Belíssimas teorias foram já elaboradas em mesas de mármore e assinadas com canetas douradas. Mas as cabeças que as elaboram e as mãos que as assinaram nunca tocaram no fardo que elas significavam (Mt 23,4). Os pés que se sustentavam sobre macios tapetes nunca penetraram as selvas inóspitas, nem pisaram no chão nu dos casebres, nem ficaram nas filas intermináveis à busca de um remédio, nem sentiram o cansaço de um trabalho explorativo, nem viajaram em coletivos superpovoados... Não sou contra os planejamentos que fazem parte do progredir humano. Sou contra a distonia do planejar e do fazer. Sobretudo, sou contra a exploração econômica das teorias, pois belas teorias também vendem livros e jornais e se tornam iscas de aventureiros à busca de posições políticas. O profeta não vende, nem se vende. Pelo contrário, como Bartimeu, o cego à beira do caminho de Jericó, continua a gritar a verdade, não obstante a grita das massas ou daqueles que me cercam, impedindo-o de gritar, na suposição de que o barulho de uma voz machucada me pode incomodar. Por isso, acho sempre incômodo quando um cortejo de aduladores fica ao meu redor, pois querem "me proteger" do contacto com o povo sofrido, e com isso se interpõem entre mim e a realidade, falsamente temerosos de que a visão da brutal realidade obscureça o triunfalismo que me querem atribuir. Porque, na verdade, há tentações escondidas até no bojo de um rito corretamente executado, onde

os enfeites podem sufocar o espírito. O rito, afinal, não tem um valor em si. Ele é a expressão de uma alma que crê e ama. O rito nasce do interior do homem, por isso ele é bom ou mau. Não é o traje que lhe empresta categoria. Muitos "puros" tentaram adular-me, homenagear-me, convidar-me para cear com eles, mas foi uma "pecadora" que encontrou a síntese do gesto e da atitude interna. Era como se derramasse a alma aos meus pés. Precisa-se de uma honestidade espiritual profunda, para deixar que a verdade transpareça no nosso exterior. Um traje, um distintivo, uma posição, um compromisso ou conchavo podem falsear o homem e torná-lo joguete da sua posição. O próprio profeta pode ser vítima de seu sucesso. E o sucesso assumido, convencido, é uma fumaça perigosa a toldar os horizontes puros de Deus, tecidos de sinceridade e humildade. A mística do profeta é a mística da luta e não a mística da vitória. Seu símbolo é antes o sangue que o trançado de louros.

Neste jogo do dizer-e-fazer, se o profeta não sabe ajoelhar-se e reconhecer que há um Deus nas alturas e do qual ele é criatura, isto é, instrumento que, sempre de novo, necessita ser afinado e afiado, dificilmente será ele a voz de Deus para as multidões. Está sob a ameaça de ser "sino que badala", sem conseguir estabelecer harmonias com os outros homens. Como falará de Deus aquele que não fala com Deus? Como dirá a Palavra de Deus aquele que não a ouviu, no silêncio, por vezes doloroso, de uma longa escuta? Se não houver esta intimidade, o profeta falará a propósito

de Deus, mas não de Deus. Seu discurso tornar-se-á mero pretexto para falar das outras coisas. Quase um engodo, uma espécie de ponto de partida para dar suporte às armações dialéticas ou construções teológicas. Somente uma pureza de relacionamentos com Deus fará com que a palavra sobre Deus brote pura do íntimo do profeta. Mais vezes lembrei que a minha Palavra seria como fonte a jorrar para a vida eterna (Jo 4,14) para quem bebesse a água junto a mim. Quem lutou com Deus na montanha, saberá lutar com o homem na planície. Deus é Mestre: "Eu o levarei ao deserto e lhe falarei ao coração".

É a experiência de Deus. Necessidade e desafio. Luta e rejeição. Busca e fuga. Reencontro e afastamento. Ponto convergencial. Fonte cristalina. Pentecostes perene. Autenticação renovada do profeta que sempre oscila entre a tentação das "cisternas vazias" e das "fontes abundantes", das grandes construções intelectuais e científicas e o anúncio humilde que converte corações, da pregação vibrante e vitoriosa ou até triunfalista e a crucificação em meio aos apupos. Vencer ou ser vencido.

O profeta é enviado. Mas enviado de Deus. Conduzido pelo Espírito. Não é um intrumetido nas coisas de Deus. Nem conselheiro de Deus. O servidor por excelência. Deve, pois, fugir da vaidade de sentir-se substituto de Deus. Ou mesmo Deus. Afinal, a infalibilidade também é uma tentação. Quanta gente sente vontade de apossar-se dela e usá-la como arma de extermínio das "rebeldias"! O profeta convencido que é profeta pode tornar-se um perigo,

porque acaba pensando que não é mais um mensageiro de Deus falando, mas é toda uma instituição mandando. Corre risco de virar "divindade", reclamando prostrações e incensações. Então ele já não é mais o depositário do dom de Deus. É o próprio dom...

Tocar na Palavra reclama uma delicadeza toda feita de simplicidade, de vontade de servir, de docilidade de manejar, de honestidade que sabe perder, de curiosidade sã que quer saber o que ela guarda no mistério de seu insignificante tamanho, de total despojamento da vaidade, de uma total pureza que não distorce as palavras, nem fabrica sofismas, não argumenta com suposições cavilosas, não mistura ideologias, fazendo com que as palavras digam coisas que lhes repugnam. O profeta é poeta. Por isso, as parábolas são construídas na beleza de um panorama, na subtileza de um personagem, na beleza de um ensinamento. Por isso, se faz necessária aquela alma de criança, onde as imagens encontram águas límpidas para se refletirem. E toda "reflexão" acaba sendo uma nova criação. Por isso, o pouco que eu digo e o pouco mais que se grava em palavras, multiplicar-se-á em milhões de páginas...

Quando nos entregamos a ouvir o Profeta de Nazaré, muita coisa teria ele a nos dizer. Em tudo, porém, deve nos servir ele de modelo. E bem o pode ser neste assunto do respeito à Palavra: com que delicadeza manjava ele a Palavra de Deus e com que respeito se dirigia aos ouvintes. Não era o "dono" da palavra, embora fosse a própria Palavra. Sa-

bia revesti-la de profundidade tal que serviu de luz às maiores inteligências que o seguiram, mas a revestiu de tanta simplicidade que serviu de alimento aos pequenos, em todos os tempos, de modo especial, em nossos dias, quando esta Palavra se tornou a lâmpada acesa que ilumina, anima, conduz e liberta comunidades enfurnadas nos mais obscuros recantos do globo. Acreditava na Palavra. Acreditava no Profeta. Acreditava na função do Profeta feita de Palavra. Acreditava nos ouvintes. Por isso sua Palavra foi ouvida. Germinou. Cresceu. E tudo passará, mas não passará esta Palavra. Será árvore. À sua sombra acorrem as gerações. Ao alto de seus ramos garimpam os homens à busca da luz. As parábolas da semente lá estão como a mais sublime descrição da trajetória da Palavra, sua aventura nas estranhas terras do coração humano. E lá nos céus, à nossa espera estão os mapas minuciosos a nos mostrar as porcentagens desta semente...

Uma hora diferente

O profeta não se improvisa. Não resolve alguém ser profeta. Não se vira profeta à força de um decreto. O profeta é um reclamo do momento. É uma necessidade histórica. É a insistência de toda uma problemática. Ele é a resposta ao grito de uma angústia que do povo passa ao profeta. Sempre que a desgraça e a desolação estendem as asas sobre a humanidade, Deus envia o profeta. Por isso o profeta é um com-promissado com seu povo. Por isso, a insistência de que o profeta é o profeta de uma realidade concreta. Ele tor-

na-se a "consciência acordada" de um povo adormecido pela inércia ou anestesiado pela dor e pelo sofrimento. Ele ajuda a ver claro. Daí a expressão eloqüente de Ezequiel, na plasticidade da imagem de "sentinela". O profeta é como o vigia que do alto da muralha ou no topo dos outeiros prescruta os horizontes para discernir os inimigos que, na calada da noite, encapuçados nas sombras, se abatem sobre o rebanho do Senhor desprotegido.

Há tempos excepcionalmente proféticos. Necessitados desta função. Paradoxalmente, guerras, confusões, opressões, fomes e massacres, são,

no dizer de M.Mau, terrenos férteis para profetas. Nossos dias, na reta final deste milênio, são um campo propício e fecundo do profetismo. Deus precisa de homens e mulheres para investi-los desta profissão. Ele busca videntes. Olhos abertos capazes de ver. Porque só quem vê é capaz de guiar. Onde os encontrará? Os que gostariam de ser profetas ou os que pretendem sê-lo, estarão em lugares que Deus pode visitar?... Lá vai o Profeta Jesus de Nazaré, olhando para a esquerda e para a direita, à busca de homens e mulheres que aceitem seu desafio: VINDE TAMBÉM VÓS... □

Três perguntas

1. O que é uma Comunidade Eclesial de Base (CEB)?

Pequenos agrupamentos populares, quase sempre localizados em áreas pobres, reunidos em torno da Palavra de Deus, conscientes de sua realidade eclesial e de seu compromisso na construção de uma sociedade mais humana.

2. Como nascem estas Comunidades Eclesiais de Base?

Dos mais diferentes modos. Por exemplo: de Círculos Bíblicos, de um grupo que reivindica um direito, da divisão da paróquia decretada pelo vigário, da ação de um agente de pastoral, da ação missionária de outra CEB, de movimentos tradicionais de Igreja, de um curso de liderança, etc.

3. Quais as características de uma CEB?

Três, sobretudo: (1) **Articulação entre fé e vida.** CEB é sempre Palavra de Deus ligada com a vida, com o trabalho, com a realidade social, com a luta popular. (2) **Eclesialidade** comprovada pelo apreço à Sagrada Escritura, às celebrações, especialmente, as celebrações eucarísticas, e vinculação com outras comunidades: a paróquia, a diocese, a Igreja universal. (3) **Caráter popular**, pessoas pobres vindas do povo.

Leia, às páginas 175: "Comunidade Eclesial de Base" e 185: "As CEBs como profecia eclesial".

A ORAÇÃO DE JESUS, REFERENCIAL DE NOSSA ORAÇÃO

*O tempo e as circunstâncias
da oração de Jesus revelam a direta
articulação de oração e vida, discernimento
e decisão, como elemento
essencial da relação de Jesus a Deus e aos Homens.*

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ

Rio de Janeiro, RJ

A oração é um elemento central nas tradições religiosas de todos os tempos. A necessidade que tem a pessoa humana de comunicar-se com DEUS — qualquer que seja a idéia ou representação que ela se faça de Deus — traduz-se quase sempre através da oração. Esta pode assumir várias formas ao ser expressa pelo indivíduo ou pelo grupo humano. A oração se manifesta através da palavra e do silêncio, do gesto e da atitude, do ritual e do sacrifício, da festa e do luto e de tantas outras maneiras. Mas é ineludível a presença e o alcance da oração na experiência religiosa das pessoas e das culturas.

A oração cristã fez um longo percurso através da história. O simples registro das muitas fórmulas, métodos e escolas espirituais de oração em quase dois mil anos de cristianismo seria iniciativa abrangente e fora do alcance de um só autor ou de uma só obra. Todas as modalidades de oração no contexto da fé cristã, porém, inspiram-se de algum modo na

oração das comunidades dos primórdios, assim como documentada no Novo Testamento.

Essa oração se radica na experiência de Israel. Há, de fato, uma continuidade entre as tradições espirituais judáica e cristã. Muito cedo, porém, e de modo sempre mais nítido, a oração cristã vai apresentar sua originalidade inconfundível. É uma identidade que se afirma seja na inspiração de fundo de toda a atitude e expressão orante, seja no conteúdo mesmo da oração. Nossa oração hoje só será cristã se, na ampla diversidade de suas manifestações, continuar a nutrir-se desta seiva inicial.

A novidade da oração cristã se prende a duas ordens de experiências fundantes. A **primeira** é a centralidade da oração de Jesus como referencial decisivo da oração cristã. A **segunda** é a centralidade do próprio Jesus na experiência pascal dos apóstolos e discípulos e das comunidades

crístãs dos primórdios. Estas duas experiências, que se completam e se fecundam, alimentam e explicam as formas e o conteúdo da oração, no contexto da fé crístã. Elas identificam o que é próprio desta oração no conjunto das várias tradições de oração.

A experiência de Jesus orante

Os quatro relatos do Evangelho surgiram, como sabemos, da tradição oral, cúltica e catequética, nas primeiras comunidades. A tomada de consciência dos apóstolos e dos discípulos, pelo dom do Espírito Santo, da significação e alcance de Jesus, para eles e para toda a humanidade, teve como consequência a urgência de **testemunhar**, de ser **testemunhas**, de dar **testemunho** desta pessoa e deste evento: Jesus, de sua vida, sua morte, sua ressurreição. Os sermões e discursos de Pedro, como toda a inspiração de vida dos primeiros crístãos, apresentados nos Atos dos Apóstolos, giram em torno deste eixo central: **nós somos testemunhas de Jesus** (At 2,17-36; 3,12-26; 4,8-25.33; 5,29-32.41; 9,20).

O núcleo básico deste testemunho foi tomando corpo nos vários relatos dos fatos e ditos de Jesus, contados e repassados entre os fiéis. Aí os autores dos evangelhos encontraram a matéria prima de seu trabalho. Ela é feita da síntese viva de uma **lembrança**, conservada e referida com respeito e com carinho, mas compreendida e vivida à luz da fé, o grande dom do Espírito, que ilumina e dá sentido àquilo que se recorda (Jo 14,25-26).

É impressionante o destaque que tem neste acervo a memória de um **Jesus orante**. Nos evangelhos, Jesus

- * reza,
- * expressa em oração a sua vida interior,
- * ilumina pela oração o sentido de sua missão,
- * ensina-nos a rezar.

Através destes quatro focos, compõe-se uma perspectiva da relação entre a **oração de Jesus** e a nossa **oração de crístãos**.

Jesus reza

Não me detenho, por ora, no conteúdo da oração de Jesus, tema sobre o qual voltarei mais tarde. Sublinho, sim, uma impressionante constatação: o fato de que **Jesus rezava** se conservou na mente e no coração dos que de perto com ele conviveram, como um dado importante a ser recordado e transmitido àqueles que o Espírito Santo ia atraindo à mesma fé.

Na tradição **sinótica**, a oração de Jesus se caracteriza pela significação dos momentos em que ele reza: Lc 3,21 (depois do seu batismo); Lc 4,1 (início de sua missão); Mc 1,35, Lc 5,15, Mt 14,23 (em dias de intensa atividade); Lc 6,12 (antes da eleição dos apóstolos); Lc 9,18 (antes da profissão de Pedro); Lc 9,28-29 (na transfiguração); Lc 11,1 (antes de ensinar o Pai Nosso); Mt 26,36-44, Mc 14,32-34; Lc 22,32.41.44 (no Getsêmani, antes de sua morte); Mc 15,34, Mt 27,46, Lc 23,34.46 (na cruz: perdão e entrega da vida).

Na tradição **joanina**, a oração de Jesus é igualmente mencionada em

contextos relevantes de sua vida: Jo 11,41 (antes da ressurreição de Lázaro); 17,1-26 (no Cenáculo, antes de sua paixão e morte).

Através, pois, do simples levantamento de tempo e circunstâncias no relato evangélico da oração de Jesus, podemos inferir a direta articulação de **oração e vida**, de discernimento e decisão em clima de oração, como elemento essencial da relação de Jesus a Deus e aos Homens.

Jesus expressa em oração a sua vida interior

Sua relação toda especial ao Pai — a ser particularmente focalizada mais adiante — é, sem dúvida, a característica maior desta oração. Revela-se por aí a orientação chave da oração de Jesus e o **clima pessoal-relacional** em que ela se situa e desenvolve. Os textos fundamentais aqui, todos de riqueza inesgotável, são: Mt 11,25-27 e Lc 10,21-22 (ver Jo 11,41) — (ação de graças por sua missão); Mc 14,34, Mt 26,39, Lc 22,42 (Getsêmani); Jo 17,1-26 (oração no Cenáculo).

Jesus ilumina pela oração o sentido de sua missão

Coincidentes, em boa parte, com os do tópico acima, os textos são significativos sob esse ângulo, por expressarem, como os do primeiro item (Jesus reza), o caráter **apostólico** da oração de Jesus. Sua oração, orientada para o Pai, não é involuída sobre ele mesmo, não é intimista ou individualista. É, antes, fulcrada na missão e aberta sobre os outros. Estes outros, que somos nós, presentes nos discípulos e no povo são como

que a razão de ser dessa oração. Isto é bem claro em Mt 11,25-27, quando lido à luz de seu paralelo, Lc 10,21-24 e completado por Jo 11,41. Jesus louva o Pai e na alegria lhe agradece pela **missão**. Esta é precisamente anunciar aos simples — evangelizar os pobres (Lc 4,15-22) — o dom inestimável deste Pai que se revela e o faz através dele, Jesus. Dom que é fonte de felicidade para aqueles que o recebem, e acolhem essa revelação do Pai por ele (Lc 10,23). A consciência de sua necessária mediação em relação à intenção reveladora do Pai lhe dá a ele, Jesus, a certeza de ser sempre por Ele ouvido. Muito significativo, porém, é o fato de que esta convicção interna é publicamente enunciada na oração, e o é para que o saibam os discípulos (Lc 10,23) e a multidão que o rodeia (Jo 11,41), em vista de sua fé. Jesus reza ao Pai em vista de nossa fé.

A oração que João coloca nos lábios de Jesus (Jo 17,1-26) é construída precisamente em torno destas duas dimensões: sua relação ao Pai em função da missão; sua oração pelos discípulos e todos os que, por seu testemunho, haverão de acolhê-lo na fé (Jo 17,9-26).

Jesus ensina a rezar

Há um duplo movimento pedagógico na tradição sinótica Mt 6,5-15; 7,7-11 e Lc 11,1-13. O **primeiro** recolhe os ensinamentos espontâneos de Jesus sobre a oração. O **segundo**, centrado no "Pai Nosso", é a resposta explícita de Jesus ao desejo de aprender a rezar que os apóstolos manifestam (Lc 11,1-4). Impressionados pela experiência deste Jesus

orante, eles querem ser nela por ele introduzidos. Este duplo movimento tem seu peso porque ilumina exatamente o que buscamos identificar: a originalidade da oração cristã a partir da figura orante de Jesus.

O primeiro lanço compendia, a versão do Sermão da Montanha, em Mateus e Lucas, a posição crítica de Jesus em relação à prática da oração no judaísmo de seu tempo. Oferece-nos, por assim dizer, um quadro normativo-comportamental, para por ele pautarmos nossa própria oração e sabê-la aceita por Deus. Mais do que preceitos ou prescrições, Jesus põe em relevo as **atitudes**. É notável a correspondência entre os requisitos para a **oração** e a concepção global de **vida** que se traduz no todo do ensinamento evangélico. Há, de fato, no Evangelho, uma impressionante exigência da articulação de **oração e vida**. Não posso explicitar em pormenor este ponto aqui. Ele será intuitivo para o leitor à medida que prosseguimos, como, não menos, a partir do contato direto com os próprios textos.

O segundo lanço nos dá a visão própria de Jesus sobre a oração segundo o coração de Deus. Apresenta-nos, de modo estilizado, uma paradigma de forma e conteúdo para a nossa oração: “Rezai assim, portanto...” (Mt 6,9); “Quando orardes, dizei...” (Lc 11,2).

É possível distinguir analiticamente estes dois movimentos na pedagogia de Jesus sobre a oração. Não, há, porém, como separá-los um do outro na realidade. Ambos se fornecem mutuamente o contexto adequado à compreensão da mensagem que transmitem. Deve-se ler, portanto, um em

função do outro. Que elementos podemos ressaltar aqui?

* O Evangelho atesta que Jesus observou as práticas de culto previstas em Israel, através das quais, sobretudo, passava a oração do povo e, em boa parte também, a dos indivíduos. Para Jesus, porém, a oração não é primordialmente o evento ritual ou o cumprimento de uma lei ou prescrição (Jo 4,21). Ainda quando ela assim se concretize, aí não se esgota. A oração para Jesus é um fato **relacional**. Ela aproxima realidades vivas e pessoais — Deus e a Pessoa Humana — ambos ativos e espontâneos.

* A índole própria desta relação — algo que é implícito em todo o Novo Testamento e emerge explicitamente na teologia paulina da adoção (Romanos e Gálatas) — explica a natureza da oração cristã. Nessa relação, Jesus vê o encontro de Deus, como Pai e nosso Pai, conosco, seus filhos no Filho. Voltaremos ainda a isto.

* O cunho íntimo e transparente de tal relação define e modela o perfil da oração cristã. A partir do ensinamento de Jesus, podemos distinguir-lhe os traços próprios. Ela há de ser:

— **Sóbria**. Não multiplicar palavras, porque o vosso Pai sabe o de que precisais, antes de o pedirdes (Mt 6,7). Em outro contexto, Jesus há de frisar a insistência necessária no pedir. Não há contradição. O orar cristão, em meio mesmo à “premu-ra” de alcançar o que se pede, supõe o conhecimento do Deus a quem se reza e a confiança no Seu amor.

Isto nos coloca em Suas mãos; torna, a um tempo, profunda e sóbria a relação orante.

— **Discreta e íntima.** A oração se faz ao Pai na intimidade. Não tem sentido orar para ser observado pelos homens (Mt 6,5). Confundimos, não raro, interioridade e intimidade com intimismo. Neste há uma componente narcisista, que se fecha sobre a pessoa e elimina de seu horizonte a abertura para os outros. A interioridade e a intimidade, por sua vez, podem sempre assumir os outros intensamente diante de Deus e abrir-se a eles no contexto de vida como de oração. Mas há neste traço da oração cristã, uma exigência, a um tempo, de respeito aos outros, a nós mesmos e a Deus. Nem os outros devem ser espectadores da dimensão pessoal de nossa relação a Deus na oração, nem deve haver em nós a intenção de fazê-los tais. A nota discreta e íntima da oração cria e garante um cenário e um espaço de liberdade muito profunda para que a pessoa possa ser ela mesma no seu contato com Deus. Este traço não deveria perder-se quando rezamos **com** os outros. Deve, antes, ser como que assumido por aqueles que juntos se encontram com Deus e tem neste encontro a mais privilegiada mediação de encontro consigo mesmos e entre si.

— **Atenta e recolhida.** Entra em teu quarto, fecha a porta e reza a teu Pai que está presente e intui o mais fundo de teu coração... (Mt 6,6). É interessante como Jesus foi fiel a esta exigência de recato e concentração. Os evangelhos sublinham com frequência não só que ele orava, mas que ele se afastava até mes-

mo dos discípulos e se retirava a lugares solitários para orar (Lc 5,16; 6,12; 9,28; 11,1; 22,41).

— **Vigilante.** De fato, não temos comando nem certeza sobre a evolução e disposição de nossas vidas (Mc 13,18.33-37). A vigilância, um tema evangélico tão central, passa à oração a certeza de nossa fragilidade e a consciência de nossa pobreza existencial face à realidade de nós mesmos e do mundo. Cada vez que o homem projeta sua autonomia, respeitada por Deus, no sentido de extrapolá-la da órbita de Deus, ele se encontra com o seu próprio limite e com a precariedade de seus próprios ideais e utopias. A vigilância assesta a bússola humana em relação ao seu norte divino. Pela vigilância, que não é feita de um medo negativo, mas de uma atenção positiva a manter o rumo da própria vida, o homem se coloca no caminho de uma constante auto-transcendência e da abertura Àquele que a ele se manifesta e se entrega, como resposta pessoal e definitiva no AMOR, a este anseio que caracteriza o homem e lhe dá sentido à vida.

— **Humilde.** A consciência de nosso limite de nosso pecado, que é parte da verdade do que somos, esvazia em nós todo título de orgulho frente aos homens e qualquer pretensão diante de Deus (Lc 18,9-14). A oração, portanto, tende a revelar-nos a nós mesmos, sem ilusões e enganos. Ela nos proporciona também diante dos outros, num misto de acolhida e de infinito respeito ao mistério de sua relação a Deus, que é tanto desta face oculta que deles não nos é dado ver e, às vezes, nem mesmo suspeitar. Ao mesmo tempo,

porém, alicerçada nessa verdade do que somos e na verdade dos outros que jamais nos será dado plenamente intuir, a oração cristã nos abre à VERDADE deste Deus que a todos nos acolhe e que chamamos Pai.

— **Coerente.** É fundamental que se tenda a viver e a realizar entre as pessoas humanas a relação de amor que se busca e se estabelece com Deus na oração. Este amor não é conquista de nosso esforço, mas dom gratuito do Senhor. A condição para recebê-lo e acolhê-lo é a disposição de dá-lo e partilhá-lo. Daí a conexão entre **oração e vida**; a exigência por Jesus de que o amor passe da palavra à realidade (Lc 10,25-36; Mt 7,21-23); o postulado de que este amor supere as fronteiras do amor e da amizade normal e recíproca que nos gratifica e recompensa, e se abra sempre ao perdão e ao inimigo (Mt 6,12.14-15; 5,43-47; 5,23-24; Mc 11,25). Retoma-se aqui, na perspectiva da oração, todo o tema evangélico central da **realização da palavra**. Ele pervade de ponta a ponta a concepção religiosa de Jesus.

— **Solidária.** É-nos assegurada a presença de Jesus entre nós e a resposta do Pai, sempre que nos aproximamos e nos associamos uns aos outros na oração (Mt 18,19-20). Dada a estreita ligação de **oração e vida**, a união na oração deverá conduzir, na perspectiva cristã da fé, à solidariedade na vida e à participação comum em configurá-la. A realidade da comunidade cristã tem sua raiz e origem, sua força e inspiração, seu primeiro referencial de credibilidade, na comunidade de oração. A oração leva à comunidade. A comunidade se alimenta e sustenta na oração.

Conclusão

A convergência destes quatro aspectos sobre a oração de Jesus e seu ensinamento sobre a nossa oração, tão amplamente documentados nos evangelhos, revela-nos a importância de sua experiência e de sua pedagogia para a formação da consciência cristã sobre a oração nas comunidades dos primórdios. Ao mesmo tempo, porém, ela nos fornece a nós, cristãos de hoje, a orientação fundamental e os parâmetros de avaliação de nossa própria oração. Somos beneficiários de uma diuturna evolução histórica na vida de oração. Pessoas e comunidades enriqueceram ao longo dos séculos a tradição teológico-espiritual e a prática individual e comunitária, pessoal e litúrgica, da oração cristã. O Espírito Santo, que reza em nós e no qual unicamente nos é dado rezar, vive e se revela em cada orante como no todo da comunidade que reza. Manifesta-se na mútua comunicação e partilha dos orantes de todos os tempos.

Haverá sempre, porém, um referencial de fundo. Ele foi dado aos discípulos pelo próprio Jesus. Foi retomado e compreendido, ruminado e transmitido por eles, sob a ação do Espírito Santo. Sua relevância para a identidade da oração cristã justifica o seu lugar de destaque no corpo textual do Novo Testamento. Explica a atenção solícita dos fiéis dos primeiros tempos à oração do próprio Jesus. Faz-nos entender a índole orante das primeiras comunidades. Dá-nos finalmente a nós a inspiração

e os critérios para nossa própria oração.

Tudo o que acabamos de ver é surpreendentemente atual. Jesus a um tempo observou e questionou a tradição judaica da oração de seu tempo. Deu-lhe novo rumo e novo alento. Por seu exemplo e por sua

palavra, ofereceu-nos para todos os tempos uma perspectiva original e fecunda de contato com Deus, seu Pai e nosso Pai. A nós cabe redescobri-la, retomá-la e fecundar por ela nossa busca confiante e perseverante de uma oração que responda a fundo a nossa necessidade de comunhão com Deus e entre nós. □

A pesca é de Deus

Bíblia — Labutamos a noite inteira sem NADA apanhar... Lc 5,5.

Leitor — Não obstante, confiança ilimitada em Deus. Não cabe ao homem calcular o último resultado. A pesca é de Deus. Deus exige, apenas, presença, ação, fidelidade. Ele não pede estatística de resultados finais. Sempre há uma porta, misteriosa e invisível, por vezes, que se abre para o infinito das possibilidades de Deus. Não há situações impossíveis de se superar. Nenhuma cadeia é mais poderosa do que o poder de Deus. Aguardar sempre este momento diferente, o momento da surpresa imprevista da graça.

Os pobres: seus defeitos e sua relevância

— **Os pobres andam badalados. Não há defeitos entre eles?**

Há, sim. Também os pobres necessitam sempre de novo de conversão. Os mecanismos de dominação e exploração se fazem sentir em seu meio. A verdadeira comunhão não foi atingida. Ciúmes, rivalidades, recalques, tendência a monopolizar e desprezar os pequenos são fatos reais entre os pobres. O pobre tem suas mazelas, falcatruas e maldades. A vida lhe ensina truques feios. E ele aprende imitando a desonestidade dos patrões e dos governantes — corruptos e corruptores. — Vícios ensinados pela propaganda, utilizados para escapar com vida à dura lei-do-cão. O pobre não é anjo nem homem perfeito.

— **Mas, então, porque esta relevância atribuída ao pobre?**

Deus sempre se manifesta, de forma privilegiada, a partir do pobre. É a partir do pequeno, do desprezível que Ele mostra sua força, salvadora e libertadora, sua justiça e sua misericórdia. “Cada vez que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizestes”, Mt 25,40.

A DIMENSÃO PROFÉTICA DA VIDA RELIGIOSA NO BRASIL

O profeta é um destruidor de ídolos, um iconoclasta, um quebrador de falsas imagens de Deus. Profeta é aquele que mantém a perspectiva escatológica, definitiva, dentro da perspectiva histórica, transitória.

Aloísio Card. Lorscheider

Fortaleza, CE

1. Os termos da nossa reflexão são três: o que entendemos por **dimensão profética**? o que entendemos por **vida religiosa**? o que entendemos por **Brasil hoje**?

2. Não se trata do religioso/a profeta, mas da vida religiosa enquanto profética. A vida religiosa em si é profética.

3. Queremos saber como é que a vida religiosa se deve apresentar em sua dimensão profética no Brasil de hoje.

4. Para ficar mais claro o alcance de nossa reflexão, é necessário lembrar que podemos falar também da dimensão profética da vida cristã no Brasil de hoje, da dimensão profética da vida sacerdotal no Brasil de hoje. Todo cristão é inserido em Cristo Profeta. Conseqüentemente, a vida cristã possui uma dimensão profética.

A partir desta inserção em Cristo Profeta, poderíamos também refletir

sobre a dimensão **sacerdotal** da vida religiosa no Brasil hoje, como também sobre a dimensão **régia** da vida religiosa no Brasil hoje. Pelo batismo somos inseridos também em Cristo Sacerdote e em Cristo Rei (Pastor).

5. Dividiremos a nossa exposição em três tópicos: 1. o que é ser profeta; 2. o profetismo da VR; 3. o profetismo da VR no Brasil hoje.

O QUE É SER PROFETA?

“Crítico religioso da realidade”, define-o o subsídio distribuído aos Religiosos (1). É uma definição bastante ampla com sabor mais sociológico do que teológico propriamente dito. Profeta, etimologicamente, é

(1) Trata-se do fascículo “OS PROFETAS BÍBLICOS INTERPELAM A VIDA RELIGIOSA”, lançado pela CRB em 1985.

alguém que fala em nome de outro. Em nosso caso, é alguém que fala em nome de Deus. "Muitas vezes e de muitas maneiras Deus falou no passado a nossos pais pelos profetas; nestes últimos tempos nos falou por meio do Filho a quem constituiu herdeiro de tudo" (Hebr 1,1-2).

E por que Deus faz alguém falar em seu nome? Para revelar ou discernir a vontade de Deus dentro de uma realidade a partir da visão de Deus sobre a história. É alguém que **anuncia e denuncia**. Anunciando denuncia e denunciando anuncia. Eu não diria que o profeta mais denuncia do que anuncia, porque anúncio e denúncia em nosso contexto de vida, em nossa atual economia de salvação, estão muito ligados entre si. O pecado é uma realidade em nossa existência. Se, porém, não tivesse havido pecado, será que não teria havido profeta?

Olhando os profetas na Bíblia, percebe-se que o profeta é sempre **enviado por Deus** (eis outra característica: o profeta é um enviado de Deus). O profeta, para ser enviado, é antes **chamado por Deus**. Enviado e chamado para lembrar ao povo, ao rei, aos chefes do povo, a vontade de Deus que não está sendo cumprida, ou para dizer qual a vontade de Deus num acontecimento da vida, num acontecimento histórico. Basicamente é para recordar que **Deus é o Senhor**, que é Ele quem guia e protege o povo e que não existe outro deus e não se deve esperar a salvação ou libertação de outra parte, de outra **aliança** a não ser **da aliança de Deus com seu povo**: "Eu, Jahvé, sou teu Deus, que te tirou do país do Egito, da casa da escravi-

ção. Não haverá para ti outros deuses diante de mim" (Êxodo 20,2-3).

É a **proclamação do Absoluto** que é Deus. O que se opõe ou contradiz a este Absoluto é erro, é pecado, é **idolatria**. Neste sentido, o profeta é um destruidor de ídolos, é um iconoclasta, destruidor, quebrador de **falsas imagens de Deus** na vida do seu povo.

Não se trata, pois, só de um crítico religioso da realidade, mas de alguém que anuncia o Absoluto de Deus no **provisório** da vida, é alguém que dá sentido ao provisório da vida no Absoluto de Deus, é alguém que mantém a **perspectiva escatológica** dentro da **perspectiva histórica**. Por conseguinte, é alguém com missão mais profunda de um anúncio fundamentalmente positivo: só Ele é o Senhor; só Ele é o Salvador; só Ele é o Libertador; só Ele é o Amor; só Ele é a Felicidade; só Ele é o Absoluto; Ele é o único Deus.

O profeta é, pois, um defensor incansável do Absoluto, que é Deus. É alguém que olha o mundo e seus acontecimentos na perspectiva de Deus, e daí a sua sensibilidade diante do mal, da injustiça, da crueldade do homem (cf p.e. Amós 6,3-6; 8,4-6).

Ser profeta envolve, porém, não só a fala, mas o homem todo. O homem todo, pela sua vida, se torna **Palavra**. É alguém totalmente consagrado ao Absoluto. Já se vê que o **Profeta por excelência** é o Verbo (a Palavra) que se fez carne, colocou a sua tenda entre nós e nos revelou tudo que viu junto de Deus (cf Jo 1,14.18).

O PROFETISMO DA VR

Para entender melhor este profetismo da VR, convém aprofundar um pouco o específico da VR, os conselhos evangélicos que na VR são assumidos por voto como base para este profetismo, certas exigências para que a dimensão profética na VR se possa fazer sentir, e, finalmente, a forma sob a qual se nos apresenta a VR em nossos dias.

1. O específico da VR

É a sua consagração **total** a Deus, o único Absoluto. É o **escatológico** propriamente dito, o eschatón por excelência. Pelos votos, com que o religioso/a assume os conselhos evangélicos, ele se consagra totalmente a Deus sumamente amado, ordenando-se ao serviço de Deus e à sua glória por um título novo e especial (Lumen Gentium, 44). É esta a perspectiva **escatológica** na qual se coloca o religioso/a. É a perspectiva que informa toda a vida e santidade da Igreja: "Vinde Senhor Jesus" (cf Apoc 22,20; 2 Tim 4,6-8). Por isso também a VR é parte indiscutível da vida e santidade da Igreja.

Eu não acentuaria tanto o aspecto **carismático** da VR, quanto muito mais o seu aspecto **escatológico** (a VR memória do Absoluto no Histórico (Provisório?!)) da vida).

A VR deve ser situada neste escatológico da Igreja, na construção da Cidade Terrestre com a presença viva do Absoluto, que é Deus, manifestado em Jesus Cristo, ao qual tudo está relacionado. A VR deve **testemunhar a vida nova e eterna** conquistada pela redenção de Cristo,

prefigurando, no tempo, a futura ressurreição e a glória do reino final (Lumen Gentium, 44;46).

A **escatologia** (= o Absoluto de Deus, o Absoluto do Reino de Deus: "Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça e o resto vos será dado de acréscimo" — Mt 6,33) dá o sentido **essencial** da **história**: olha-se a **história**, o dinâmico da vida (chamado também por alguns de provisório — será que tudo não é, de algum modo, definitivo? Tudo caminha para o "Deus tudo em todos" 1 Cor 15,28) a partir do Absoluto, do **Por-vir TOTAL**. É como a Virgem Maria que, no "Magnificat", já lê tudo do ponto de vista do **já realizado**, lê a história a partir do final da história, lê a história de trás para frente, do futuro para o presente e o passado. É de se perguntar até que ponto existe passado? Até que ponto existe futuro? Será que tudo não é presente no presente de Deus? Para o profeta tudo é presente, tanto o passado como o futuro. Vejo aí um aprofundamento do que na teologia denominamos **tradição**.

O final da história é o Absoluto para o qual estamos lançados desde o dia do nosso batismo. Neste sentido o Espírito Santo já nos foi dado como arras, como penhor, penhor da nossa herança (cf 2 Cor 1,22; 5,5; Efésios 1,14). Ele já nos está **hipotecado**, é a garantia, é o nosso pagamento adiantado.

Medellín, no documento sobre os Religiosos, diz que "esta consagração peculiar é um compromisso para viver com maior intensidade o aspecto escatológico do cristianismo para ser, dentro da Igreja, de modo

especial, testemunho da Cidade de Deus" (n. 2). E Puebla, referindo-se à "Evangelica Testificatio" de Paulo VI, 53, afirma: "Especialmente chamados são (os religiosos/as) para viver em intensa comunhão com o Pai, que os cumula do seu Espírito, urgindo-os a construir a comunhão sempre renovada entre os homens. Desta sorte, a vida consagrada é uma afirmação profética do valor supremo da comunhão com Deus e entre os homens" (n. 744).

2. Os conselhos evangélicos como base para o profetismo da Vida Religiosa

Os conselhos evangélicos, assumidos por voto na VR, oferecem a **necessária liberdade cristã** para anunciar o plano de Deus, denunciando conseqüentemente tudo o que o distorce; criam a **indispensável disponibilidade para servir**, incondicionalmente, os irmãos; são **consciência, memória, experiência dos valores decisivos do Reino de Deus**, valores que caracterizam o mais profundo da realidade; são **sinais de esperança** na nobre luta pela justiça social, que é a nobre luta pela libertação integral do homem em Jesus Cristo, realizando o grande sonho de Deus: **um povo fraterno e livre** — todos fraternos e livres; dão o **golpe de misericórdia nos ídolos do TER, do PODER e do PRAZER**, que determinam hoje tão fortemente situações concretas contraditórias ao tempo novo e definitivo que em Jesus Cristo e Maria Santíssima se tornou realidade, e em direção de cuja plenitude e totalidade caminhamos todos sem cessar.

Puebla, em seus números 747-750, descreve muito bem a dimensão profética dos conselhos evangélicos num mundo dominado pela ganância do dinheiro, pela ânsia do poder, pela busca desenfreada do prazer, num esvaziamento do autêntico amor revelado em Jesus Cristo que "amou a Igreja e se entregou por ela" (Ef 5,25).

3. Exigências postas à VR para um autêntico profetismo

A dimensão profética da VR pede uma **profunda experiência de Deus** intimamente ligada a um **conhecimento e amor apaixonado de Jesus Cristo**: "Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai e ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e a quem o Filho o quiser revelar" (Mt 1,27; cf tb Jo 17,3).

Pede ainda uma grande **sensibilidade** pelo povo e a sua realidade, fazendo, enquanto possível, a **experiência** da vida deste povo sofredor. É a experiência de **kénosis** (esvaziamento, despojamento, mudança de lugar social) (cf Filip 2,5-8) de Jesus. Não se pode viver de costas para os problemas do povo

Neste sentido adquire **sentido profético** a solidariedade com o povo pela **partilha**, pelo **serviço**, pela **doação** de si mesmo.

Trata-se de, abraçando a causa do povo, abraçar a causa de Jesus. Jesus amou intensamente o seu povo. Veio congregá-lo na unidade, veio salvá-lo identificando-se com as suas aspirações de fraternidade e liberdade. "Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o extre-

mo" (Jo 13,1). Chorou sobre Jerusalém; chorou sobre o amigo Lázaro; tinha compaixão do povo que estava como ovelhas sem pastor.

Este povo é, sobretudo, o povo empobrecido, marginalizado. A relação com este povo por parte dos religiosos/as não supõe somente o despreendimento interior e a austeridade comunitária, mas também solidariedade, partilha e, em certos casos, **convivência com o pobre** (Puebla, 734).

4. O modo como a Vida Religiosa se apresenta hoje

Referindo-nos ao modo como a VR se apresenta hoje, fazemo-lo não para criticar ou desfazer o que com tanto amor e, muitas vezes, heroísmo se construiu no passado, mas unicamente com o desejo de refletir mais concretamente dentro do tema que nos ocupa.

É evidente que, tipificando os modelos de VR, mais se quer exemplificar do que marcar limites estritos. Tal tipificação é sempre relativa. Não obstante, ajuda-nos a lançar alguma luz sobre a dimensão profética da VR hoje no Brasil.

Creio que, de modo muito geral, poderíamos distinguir três tipos ou modelos de VR; 1.º modelo, marcado pela **fuga do mundo**; 2.º modelo, marcado pela **inserção no mundo**; 3.º modelo, marcado pela **inserção no submundo**.

4.1. A VR — fuga do mundo

É o tipo que nos vem do passado. As pessoas deixam o mundo e vão para o deserto. Mais tarde, têm iní-

cio os mosteiros e as grandes abadias. Há o claustro, o jardim fechado, todo um ambiente geográfico até cercado por muros, que indica a separação. Os religiosos vivem separados do mundo. A própria veste que usam, é sinal disso. Não convivem com o povo. Tomam conhecimento dos problemas do povo, mas não os vivem. Rezam pelo povo, às vezes até com o povo, mas não como o povo.

Mais tarde surgem os conventos, em geral edifícios grandes à semelhança dos mosteiros ou abadias, com estruturação muito semelhante.

A VR está muito orientada para **as obras e instituições próprias**: colégios, hospitais, asilos..., que são, ao mesmo tempo, **lugar de vida comunitária e centro apostólico**.

A VR, dentro deste modelo, exige certo poder econômico; boa organização; bom número de vocações para manter as obras sem necessidade de pessoal "externo"; boa dose de centralização. Os votos, a vida comunitária, a oração, o estudo, o trabalho, é vivido muito em função da instituição. **As vocações e a formação se orientam para um tipo de vida religiosa que vive mais e mais em função das obras e instituições próprias**.

A pergunta que se faz espontaneamente: — até que ponto este modelo de VR possui dimensão profética para o nosso mundo de hoje?

4.2. A VR — inserção no mundo

É o tipo de VR que se começa a perceber no movimento de "aggiornamento" da VR antes do Vaticano

II e recebe base mais firme no Vaticano II. Manifesta-se com certa força no pós-Concílio.

Seu ideal não é a fuga do mundo, mas a presença no mundo contemporâneo como **um fermento na massa**. Acentua-se o valor da **secularidade**. Por vezes parece confundir-se com os Institutos Seculares.

Concretizou-se na modernização dos hábitos tradicionais, passando muitos ao uso do traje civil; no abandono dos conventos para ir viver em pequenos apartamentos no centro das grandes cidades; no abandono da grande comunidade pela pequena, buscando-se uma vida comunitária mais humana, mais fraterna, mais vivencial; numa obediência mais participativa e dialogal; na vivência da castidade de modo mais aberto, deixando praticamente cair a clausura.

Neste modo de viver a VR, acentua-se o trabalho profissional, o trabalho leigo nos mais diferentes setores (Mass-Media, universitário, escolar, sanitário, administração etc.), dando-se grande valor à realização pessoal, à remuneração econômica que permita viver do próprio trabalho. **A pobreza**, dentro deste conjunto de idéias, caracteriza-se pelo trabalho responsável e pela luta contra o consumismo do ambiente.

O **apostolado** orienta-se mais para o **testemunho** anônimo no trabalho ("la présence, le témoignage"), apresentando um exemplo de vida cristã secular, síntese entre fé e mundo contemporâneo secular. Esta presença de testemunho cristão no meio do mundo não exclui a colaboração direta em tarefas apostólicas concre-

tas, quais a catequese, animação de comunidades eclesiais de base, participação em movimentos cristãos...).

A teologia subjacente a este tipo de VR é a do Vaticano II, a do "aggiornamento", da volta às fontes, do "ressourcement", da bondade radical do criado, do valor das realidades terrestres, da teologia secular.

Quanto ao nosso tema, até que ponto o anonimato das pessoas, e mesmo do grupo, favorecem a dimensão profética da VR? Além do mais, este modelo de VR parece provocar com o tempo **certa crise de identidade**: em que o religioso/a se diferencia de um bom profissional cristão? Em que ponto uma comunidade religiosa deste tipo se diferencia de um grupo de solteiros cultos, piedosos, bem educados? Qual é mesmo, neste caso, o sentido da VR? Será **renovação** da VR ou **modernização** (liberalização)? A **formação** neste modo de ser religioso/a será fortemente numa linha de **secularidade**.

4.3. A VR — inserção no sub-mundo

Este tipo de VR chama-se também de VR **inserida** nos meios populares. Pretende-se viver a VR a partir da solidariedade com os pobres, solidariedade **sempre** afetiva e, se possível, efetiva.

Puebla tem em vista este tipo de VR nos nn. 733-734 afirma: "A abertura pastoral das obras e a opção preferencial pelos pobres é a tendência mais notável na vida religiosa latino-americana. De fato, os religiosos acham-se cada vez mais em zonas

marginais e difíceis, nas missões entre indígenas, num trabalho humilde e silencioso. Esta opção não supõe exclusão de ninguém, mas pelo contrário, uma preferência e aproximação do pobre.

“Isso tem levado à revisão das obras tradicionais, para melhor responder às exigências da evangelização. Igualmente projetou uma luz mais clara sobre a relação dos religiosos com a pobreza dos marginalizados, que já não supõe somente o desprendimento interior e a austeridade comunitária, mas também solidariedade, partilha e, em certos casos, convivência com o pobre”.

Não é fuga do mundo nem simples inserção no mundo. É inserção no mundo dos pobres, dos pequenos, dos colocados à margem, dos oprimidos. Procura viver em bairros populares, em regiões de pobreza, como favelas, cortiços, conjuntos populares. Esforça-se por formar pequenas comunidades **solidárias com os pobres, e abertas** a outras comunidades humanas e cristãs.

O trabalho, seja manual, seja intelectual, é assumido com o objetivo de viver e promover a solidariedade, a justiça, a libertação do povo, aceitando a conflitividade que este compromisso traz consigo.

Neste tipo de VR, a **formação** visa a capacitação para compreender

melhor a problemática do povo e colaborar para a sua total libertação.

Os **votos**, pelos quais se assumem os conselhos evangélicos, são concebidos como sinais proféticos do Reino de Deus, como anúncio escatológico de fraternidade, filiação, liberdade, comunhão, valores do Reino que devem ser antecipados já aqui e agora e que têm nos pobres seus destinatários privilegiados.

A partir desta opção nasce uma nova espiritualidade, um novo estilo de oração e de liturgia. A dimensão apostólica orienta-se à formação e animação de comunidades cristãs populares, participando estreitamente da vida do povo e da Igreja que por obra do Espírito Santo vai brotando sempre mais forte dentro do povo. Trata-se de viver, numa íntima integração, as dimensões de fé e justiça, fé e solidariedade, como ponto chave e profético da Igreja de hoje.

Esta opção exige preparação adequada, apoio comunitário, maturidade pessoal, motivação evangélica (cf Puebla, 735).

A pergunta que se faz é se este modelo responde à dimensão profética da VR hoje? É este o caminho que o Espírito Santo está mostrando à VR para o bem da Igreja e do mundo contemporâneo? É ela a forma de VR, o modo de ser religioso/ a num mundo de dominação?

O PROFETISMO DA VR NO BRASIL HOJE

O Brasil, é um País com muitas possibilidades de reservas morais humanas e reservas de recursos natu-

rais, vive **socialmente** numa **desigualdade** que se acentua à medida que os dias passam. É colonialismo externo;

é colonialismo interno. O Nordeste, sobretudo, é marcado fortemente pelo fenômeno da **dominação**, que com muita propriedade se deve chamar **escravização**. Poucos concentram as riquezas à **custa** de muitos que se arrastam na mais extrema miséria, nascendo e vivendo na subalimentação, e mais do que isto, devorados por uma **fome crônica**.

Economicamente o brasileiro, e mais ainda o nordestino, é um povo que se vê reduzido mais e mais ao mínimo do **ter**, podendo dizer-se que o nordestino **já não tem**. Ele, apenas, ainda é, porque não perdeu, apesar de todas as carências do **ter**, a sua dignidade e nobreza de alma, embora ele sinta que esta também já esteja sendo atingida.

Politicamente a nossa Nação se caracteriza pela **politicagem**, onde os interesses particulares e pessoais prevalecem sobre o bem comum, de tal sorte que a grande maioria do povo já não acredita mais nos políticos nem tem gosto de se engajar no campo da política devido às constantes frustrações. A **corrupção**, nódoa presente em toda a nossa história pátria, determina as ações políticas de grande parte dos que desempenham encargos políticos.

Religiosamente temos um povo muito religioso, deixando porém o aprofundamento da fé a desejar. O **sincretismo** religioso, ligado a certo **indiferentismo** (todas as religiões são boas) vai penetrando com certa rapidez. Soma-se a isto o **fatalismo** e boa dose de **animismo** (é o destino — são as forças ocultas), e se tem algo que está muito fundo na alma do nosso povo, especialmente o nor-

destino. Daí muita superstição, magia, corrida para o espiritismo em todas as suas manifestações, mas particularmente em sua forma de **umbanda** e **quimbanda**.

Diante deste quadro, como fica o profetismo da VR? Impõe-se uma vivência de profunda intimidade com Deus e com o povo. Intimidade com Deus, levando a sério “o Deus sumamente amado”; intimidade com o povo, passando a conviver mais com o povo pobre e sofrido.

A comunhão com Deus e a comunhão com o povo empobrecido e escravizado é o **sinal** mais evidente da adesão e presença do Absoluto, que é Deus, garantia de uma libertação integral que não virá de outra parte a não ser de uma **kénosis** que, à semelhança de Jesus Cristo, se esvazia de si mesmo, toma sobre si as enfermidades do povo, faz-se solidária em tudo com ele numa disponibilidade total de entrega que vai até a morte e morte de cruz (**martírio**) (Filip 2, 6-9). A identificação sempre mais plena com o Cristo Pobre e os pobres é o **sinal profético** que a VR no Brasil deve oferecer (cf. Puebla, 1140). É o carinho, a ternura fraterna, o respeito profundo para com toda criatura humana, por mais desprezível que pareça, é a solidariedade, o compromisso com o homem sofrido brasileiro (que se está nordestinizando), dentro da **mística do Servo Sofredor**, que fará tocar com os dedos o quanto Deus Pai ama o mundo oprimido e espoliado em que vive hoje a maioria do nosso povo: “Tanto Deus amou o mundo que lhe deu seu Filho Único para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16).

A **mudança do lugar social** na VR é o grande sinal profético que se espera com ânsia, pois será o caminho da libertação integral de todos — também dos assim chamados ricos — em Jesus Cristo, por Jesus Cristo, com Jesus Cristo: “sendo rico, fez-se pobre para com a sua pobreza enriquecer-nos” (2 Cor 8,9). “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6).

À guisa de **conclusão**, eu diria que vale a pena ler com calma, medi-

tando, o texto do documento de Puebla sobre a **vida consagrada**. Após a indicação das várias tendências que se notam, hoje, na América Latina com referência à vida consagrada, são, no meu entender, muito preciosos os nn. **os critérios** (739-757) e **as opções** para uma vida consagrada **mais evangelizadora** (758-773). Neste particular seria interessante fazer uma comparação com o documento sobre **os Religiosos**, emanado em Medellín. □

Distonia entre o falar e o fazer

Bíblia — Nem todo aquele que me DIZ... mas aquele que FAZ..., Mt 7,21.

Leitor — É cômodo e simples falar, ser codificador de fórmulas. O que surpreende é a distonia com o fazer. É a hipocrisia escondida até no bojo de um rito corretamente executado, mas onde as aparências sufocam o espírito. Quando a nossa vida vai ser uma síntese do gesto e da atitude interna? A realização da palavra pervade de ponta a ponta a concepção cristã porque exigência evangélica.

Estrutura & Estruturas

1. O que é estrutura da Igreja?

Aquilo que a identifica na ordem da fé, dos sacramentos e das funções hierárquicas. Querida e estabelecida por Cristo, deve perdurar enquanto perdurar a própria Igreja na história. Assim entendida, a estrutura é constitutiva da Igreja.

2. E o que são estruturas da Igreja?

São formas exteriores, estáveis a curto prazo mas transformáveis a longo prazo, assumidas no decorrer da história e nas diversas áreas geográficas. São reformáveis e sujeitas à caducidade do tempo. Mesmo que suscitadas em determinada época ou circunstância pelo Espírito do Senhor, as estruturas não fazem parte da natureza da Igreja. São determinações acidentais das quais pode desfazer-se.

COMUNIDADE ECLESIAL DE BASE

Através da experiência e da observação constata-se que as Comunidades Eclesiais de Base se formam de diferentes modos. Não há um modelo único de gestação. Mas a CEB supõe sempre reza e mutirão; evangelho e realidade social; fé e luta do povo.

Pe. J. B. Libânio, SJ

Belo Horizonte, MG

“Aquilo que não sabemos (podemos) teorizar, devemos narrar”. Ainda parece cedo poder teorizar sobre as CEBs (comunidades eclesiais de base). Por isso, esse trabalho ainda permanece muito mais no nível da narração, com os primeiros esforços de teorização.

As CEBs são experiência eclesial muito complexa e diversificada. Existem nos países da América Latina com características próprias, mas mesmo assim bem diversificadas. Florecem em outros países do 3.º mundo. Nos países ricos, fala-se também de comunidade de base.

A nossa reflexão situa-se no contexto latino-americano, mas com atenção especial às do Brasil, não para privilegiá-las, mas porque são as que conheço de alguma maneira. Mesmo assim, procurarei situá-las num contexto mais amplo sócio-cultural e eclesial, para além de nossas fronteiras.

Toda reflexão tende a universalizar-se. As CEBs têm características tão diversificadas que nos fica o alerta do filósofo: “de individuo non fit scientia”. Um simples narrar cada vida de cada comunidade nos dificultaria o trabalho. Universalizar, teorizar arrisca atropelar a verdade. Vivemos esse difícil dilema.

Para entender um fenômeno, tal como o das CEBs, devemos sempre perceber-lhe as causas históricas, estruturais e conjunturais. Levamos em consideração tal observação metodológica. Evidentemente cada comunidade de base tem história própria, pequena e sua. Mas aqui só podemos indicar elementos comuns de uma história maior, que abraça nossos países. A análise conjuntural será fundamentalmente do Brasil, a ser confrontada com a de outros, onde também surgiram CEBs.

No interior das CEBs surgem novos problemas teológicos e pasto-

rais. Os problemas teológicos dizem respeito sobretudo às questões eclesiológicas, com amplas repercussões em outros setores da dogmática. Os problemas pastorais se relacionam à questão da articulação entre fé e

política, entre CEBs e as instâncias populares de luta. Procuremos aludir a tais questões de modo incoativo, já que por si só mereceriam todo um estudo especial, aliás já iniciado por vários de nossos teólogos.

I. CONTEXTO SÓCIO-ECLESIAL DAS CEBs

1. Momento do nascimento

As CEBs são como uma planta que necessita do húmus da terra para nascer. Esse terreno preparado foi a dupla abertura política e eclesial, que em providencial articulação potencializou a nascente aspiração popular de organizar-se em nível político e eclesial.

a. Abertura política

Vários fatores propiciaram tal abertura política. A derrota do nazismo e fascismo na Europa permitiu que as forças democrático-liberais de nosso país derrubassem a ditadura getulista e implantassem um regime liberal burguês que durou o período de 1945 a 1964. Nesse período houve uma rápida modernização do capitalismo com uma substancial presença das corporações transnacionais. A democracia liberal burguesa foi assumindo cada vez mais a feição do populismo, permitindo assim um crescimento da consciência popular, uma politização maior dos sindicatos rurais e urbanos, uma crescente mobilização popular. Papel de relevância exerceram nesse processo a pedagogia de Paulo Freire e iniciativas sociais da Igreja.

Tal processo de conscientização e politização com conseqüente mobili-

zação popular pôde desenvolver-se com aparente rapidez e força por causa da crescente disponibilidade de massas populares geradas pelo processo de urbanização rápido. Conseqüência, por sua vez, do avanço da industrialização em íntima conexão com o êxodo rural.

Enquanto tal processo estava em andamento no mundo popular, as classes letradas também se agitavam. Crescia a oposição intelectual e estudantil ao sistema capitalista implantado e em expansão com a transnacionalização crescente do capital. Dois cientistas sociais da CEPAL, atuando no Chile, — F. H. Cardoso e E. Falletto — desenvolvem a teoria da dependência e da libertação em oposição crítica à até então dominante teoria do desenvolvimento.

Surgiam além disso por todo o Continente latino-americano focos, movimentos revolucionários armados, tais como ERP, Tupamaros, MIR, com a intenção explícita de derrocar o sistema capitalista e implantar o socialismo marxista. Figuras como Che Guevara, P. Camilo Torres, sobretudo depois de suas mortes (1966), tornam-se mitos de um processo revolucionário em curso. O exemplo de Cuba exercia sua atração e mostrava a possibilidade real de uma transformação radical na A. Latina.

O socialismo era portanto objeto de debates teóricos pelos intelectuais e estudantes, e meta concreta a ser alcançada a curto prazo por meio de movimentos revolucionários.

Esse clima geral de mobilização popular e de movimentos revolucionários permitia esperar que o trabalho da organização popular com o apoio e cobertura teórica dos intelectuais teria futuro na A. Latina e merecia o empenho das forças vivas. Assim, grande contingente de pessoas idealistas entregam-se ardentemente ao trabalho popular e revolucionário nesse período de abertura política.

Pouco a pouco, as forças conservadoras, apoiadas sobretudo pela política e financiamentos americanos, começam a organizar-se e planejar a contra-reação e os sucessivos golpes militares. Mas até 1964 predominava esse clima de abertura, ainda que com nuvens negras no horizonte, ameaçando continuamente com próximo fechamento.

b. Abertura da Igreja católica

Coincidentemente com a abertura política, desenvolvia-se no interior da Igreja Católica um amplo movimento de liberdade, de novas experiências, de tentativas de renovação e "aggiornamento".

Tema muito estudado pelos teólogos. Indicarei brevemente as causas de tal abertura, em nível mundial e em nível continental.

Em nível universal, o fator principal foi o clima criado pelo Concílio Vaticano II. Já mesmo com a simples convocação por João XXIII,

criou-se um clima geral de abertura, de autocrítica no interior da Igreja. Assim os movimentos que trabalhavam já há tempo o interior da Igreja começavam a ganhar ampla legitimidade, tais como o movimento bíblico, litúrgico, missionário, leigo, teológico, além de acelerado desenvolvimento da doutrina social numa linha mais crítica à sociedade capitalista. Numa palavra, o Concílio Vaticano II criou uma dupla abertura na Igreja Católica: em relação às outras igrejas e religiões e ideologias (ecumenismo no sentido amplo) e em relação à problemática do mundo moderno — econômica, política, social, ideológica.

No embalo de tal abertura universal, a Igreja Católica na A. Latina dá enorme passo avante. Convoca a Assembléia de bispos latino-americanos em Medellín — 1968 — e assume um compromisso expresso com o mundo dos pobres e dá sólido apoio às primeiras experiências de comunidade de base. Para a conjuntura especificamente brasileira, podem ver meu pequeno trabalho: *Experiences with the Base Ecclesial Communities in Brazil*, in: *Missiology: An international Review* 8(1980, 3) 319-338.

2. Momento de crescimento

O crescimento rápido das CEBs vai dar-se em outro contexto. No campo político acontece violento fechamento com a instalação de regimes militares especialmente no cone sul da A. Latina. Por sua vez, a Igreja Católica continua afirmando-se como espaço interno de liberdade e defensora da liberdade conculcada pelo regime militar.

a. Fechamento político

O fechamento político foi exigência do modelo econômico a ser reforçado. O populismo em curso impedia um maior e mais radical atrelamento da economia ao capital internacional. Assim, a crescente presença dos interesses econômicos internacionais, sobretudo financeiros, vai produzir maior dependência dos países latino-americanos em relação aos países centrais. A expressão significativa de tal dependência é a dívida externa sempre em aumento e a sempre maior ingerência do FMI nos assuntos internos dos países.

O preço político de tal transformação econômica por via do capital internacional foi a implantação de regimes militares ditatoriais em vários países, começando pelo Brasil em 1964.

Ideologicamente implanta-se o Sistema de Segurança Nacional, que vai viver alimentado pelo binômio: segurança e desenvolvimento. O desenvolvimento, que se medirá no PIB/PIN (produto interno bruto/produto interno nacional), será uma realidade estatística, mas não social. Pequena faixa da sociedade desenvolve-se altamente enquanto se dá um empobrecimento crescente das camadas populares. Para manter tal contradição, o regime recorre a violenta repressão, dirigida especialmente contra as organizações populares e contra a inteligência crítica do país. E como a Igreja Católica, especialmente no Brasil, estava muito próxima a esses dois segmentos, sofreu violenta repressão.

b. Valentia da Igreja

À medida que o regime se fechava, a Igreja mantinha sua abertura interna e assumia papel de relevância, em alguns países da A. Latina — Brasil e El Salvador especialmente — de defensora dos Direitos Humanos, sobretudo dos pobres.

A Igreja Católica aproxima-se do povo perseguido, explorado, marginalizado, num lento trabalho de evangelização. A situação sócio-política levou a Igreja a um tipo de evangelização — que se convencionou chamar de libertadora — que implicava além do aprofundamento da fé, vivência dos sacramentos, um trabalho pastoral de conscientização e organização popular.

Esta concentração da Igreja num trabalho junto às bases permitiu que o número de CEBs crescesse rapidamente. Assim as CEBs que em 1966 apenas estavam iniciando, hoje em 1985 já devem ser mais de 100.000 no Brasil, envolvendo vários milhões de fiéis.

A valentia da Igreja exprimiu-se através da posição corajosa e destemida de alguns bispos, agentes de pastorais, líderes de comunidades, que suportaram calúnias, prisões, torturas e até morte violenta.

Numa palavra, a Igreja foi uma das poucas instituições, senão a única, que pôde trabalhar com o povo, conscientizá-lo, organizá-lo. As CEBs são uma demonstração de tal atividade pastoral.

3. Momento atual

No momento, os sinais invertiram-se. Ao fechamento político se-

guiu-se uma lenta e gradual abertura, consumada com a vitória da oposição para a Presidência da República. A abertura da Igreja, tem seguido um movimento, também lento e gradual, de restauração religiosa.

a. Abertura política

A crise e falência do modelo econômico e o desgaste político e ideológico do regime não permitiram um recrudescimento de fechamento, como tantas vezes tentou a linha dura, mas terminaram numa abertura. Esta, além do mais, foi forçada por crescente conscientização, mobilização e pressão populares.

A crise econômica afeta até as classes médias até então bem remuneradas. A dívida externa estrangula a economia do país. O desastre do modelo é completo.

Além disso, vêm à luz todos os escândalos de repressão e corrupção do regime militar, obrigando os militares a uma vergonhosa retirada de cena. Implanta-se a chamada "Nova República", num clima de esperança, liberdade, euforia mesmo. Inicia-se um diálogo nacional num clima de liberdade e possibilidade de expressão das diversas correntes nacionais. A causa da defesa dos Direitos Humanos, até então quase exclusividade da Igreja, torna-se um dado de todos. É o clima geral do país.

b. Hesitação e crise no seio da Igreja

O clima de abertura política contrasta, infelizmente, com certa retomada consistente dos setores conservadores no seio da Igreja Católica.

Os sinais de tal movimento se manifestam numa crescente censura teológica, na tomada de medidas disciplinares, na escolha de funcionários graduados no seio da Instituição. Além disso, cresce o volume de publicação dos conservadores, numa linha naturalmente quase estritamente crítica à Teologia da Libertação e à Igreja das bases, sem nenhuma contribuição positiva de valor.

Há um esforço de enquadrar os movimentos progressistas no campo litúrgico, teológico, pastoral, sócio-político, dentro de moldes definidos por instâncias romanas ou outras afinadas com as mesmas. Há uma insistência na verticalidade clerical, nas estruturas de poder da Igreja, com a diminuição da presença dos órgãos colegiados. Procura-se desfazer a articulação entre Palavra de Deus e lutas populares, tão bem criada pelas CEBs, com acusações de reducionismo, politização da Palavra de Deus, etc...

No campo político, com a passagem da bandeira da defesa dos direitos humanos, das lutas populares, para inúmeras instituições, a Igreja Católica perdeu seu papel de singularidade em tal defesa. A verdadeira oposição que ela fazia às desumanidades do regime militar passado, agora passou para o conjunto da sociedade através de inúmeras organizações humanitárias e de esquerda.

Apesar dessa situação de crise no interior e de hesitação no campo sócio-político, as CEBs continuam ainda crescendo. Porque muitos desses problemas afetam mais segmentos letrados da Igreja e menos suas próprias bases, até o momento.

II. FORMAÇÃO DUMA COMUNIDADE ECLESIAL DE BASE

Através da experiência e observação, pode constatar que as CEBs se formam de diferentes modos. Não há um modelo único de gestação da CEB.

Algumas nasceram dos **círculos bíblicos**. Grupos de pessoas se reúnem para ler a S. Escritura. A partir daí descobrem a necessidade de relacionar a Palavra de Deus com a Vida. E dessa ligação surge uma comunidade de base.

Outras fazem o **percurso oposto**. Grupo de pessoas se reúnem para reivindicar um direito, lutar por uma necessidade básica. No decorrer desse processo percebe-se que todos os membros são eventualmente cristãos ou católicos. Então, começam a reunir-se também para ler a Palavra de Deus e para celebrar.

Outras nasceram quase por decreto dum pároco, que resolveu subdividir sua paróquia em comunidades de base. Mesmo que no início tenha sido algo artificial, algumas encontram verdadeira maneira de tornar-se autêntica comunidade de base. Outras não passam de subdivisão paroquial, em moldes tradicionais.

Outras comunidades nasceram de **visitas de agentes de pastoral**. Algum padre, religiosa ou mesmo leigo que abandonou seu meio social e veio morar com os pobres começa a visitar as pessoas de um quarteirão, bairro ou área rural. Convida as pessoas para uma reunião de oração, de leitura da Bíblia, de discussão dos problemas. E daí, pouco a pouco, vai surgindo uma CEB.

Não faltam casos em que a comunidade de base nasce da **ação missionária de outra CEB**. Esta envia alguém de sua comunidade para ir "fundar" uma nova comunidade em outro lugar.

Outras vezes pode dar-se o contrário. Um **cristão "popular"** ao visitar uma CEB volta animado e começa o trabalho de criar uma comunidade de base.

Certas CEBs nasceram de **movimentos de Igreja, de organizações religiosas até mesmo tradicionais como Apostolado da Oração, Vicentinos, Congregações Marianas**.

Tais associações deixam seu caráter estritamente religioso e tradicional e começam a participar numa pastoral mais comprometida e pouco a pouco se transformam em CEBs.

Em outros casos, começou-se com um **curso de liderança**. Os participantes saem animados, dotados de algumas técnicas de organização e mobilização, ao lado do espírito religioso e eclesial. Pouco a pouco vão construindo comunidades eclesiais.

Há duas **vertentes**, portanto: a **religiosa** ou a **social** como ponto inicial. Mas só surge CEB se a vertente dominante, quer religiosa quer político-social, se acopla com a outra.

Assim, uma **luta popular, um mutirão** — vertente social — termina em oração, celebração, em descoberta de uma fé católica comum. Pouco a pouco esse encontro espo-

rádico para a luta ou mutirão se consolida numa comunidade eclesial.

Em outros casos, a piedosa reunião numa capelinha, a novena de Natal, a reflexão sobre a Palavra de Deus — vertente religiosa — evolui

para uma comunidade engajada com as lutas do povo.

Portanto, CEB supõe — reza e mutirão; evangelho e realidade social; fé e luta do povo.

III. CARACTERÍSTICAS DAS CEBs

As CEBs, na linguagem oficial da Igreja do Brasil, “tornaram-se um novo modo de ser Igreja” (Documentos da CNBB: Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil, n. 25, ed. Paulinas, São Paulo 1982). Caracterizar essa novidade pode ajudar-nos a entendê-la.

1. Articulação entre fé e vida

As CEBs podem nascer de alguma atividade espiritual, até mesmo tradicional ou de um mutirão ou luta popular. Mas sua característica fundamental é que nunca pára num dos dois aspectos, mas articula-os numa profunda unidade.

As CEBs são Palavra de Deus ligada com a vida, com o trabalho; são Evangelho e realidade social; são fé e luta popular, como vimos no parágrafo anterior, ao narrar-lhe o surgimento.

Teologicamente falando, as CEBs vivem em profundidade a unidade da história, numa percepção intuitiva e certa do mistério da Encarnação. O grau de consciência e prática nessa articulação varia muito. Desde uma simples percepção do sentido histórico e social da fé manifestada numa solicitude pelos problemas da vida, até um compromisso de natureza mais orgânica com as lutas populares e políticas.

2. Eclesialidade

A eclesialidade das CEBs manifesta-se sobretudo pela principalidade do papel da Escritura no seu seio, pela importância que atribui às celebrações especialmente da Eucaristia e pela consciência explícita de vinculação com as outras comunidades.

No centro das CEBs está a Palavra de Deus. Muitas nasceram precisamente de círculos bíblicos, i.e., da leitura da Palavra de Deus em articulação com a vida diária. Nas CEBs vive-se o círculo hermenêutico em que a Palavra de Deus (texto) é lido dentro de uma comunidade de fé (contexto) numa situação concreta histórica (pré-texto). Nesse texto, o ponto central é o projeto de Deus, revelado na história da salvação.

Outro ponto central nas CEBs são as celebrações nas suas mais diversas formas, desde celebrações de pequenos eventos na fé, até a celebração da Eucaristia na sua forma mais solene. Nesse campo da celebração, as CEBs têm mostrado enorme criatividade e originalidade.

O terceiro eixo da eclesialidade é a comunidade (organização) em sua articulação com outras comunidades, em comunhão com a Igreja universal, através de modo especial da pes-

soa do bispo. Os ministros da Igreja são sempre bem-vindos e exercem função importante nas CEBs, mesmo quando suas presenças fisicamente são mais raras. Pertence ao imaginário religioso dos membros das CEBs sua pertença à Igreja universal. Longe das CEBs está o espírito de seita ou de grupúsculo.

3. Igreja da base, na base, com a base e pela base

O termo base será esclarecido em outro breve artigo. Interessa aqui chamar a atenção sobre o caráter popular das CEBs. Elas se constituem de pessoas pobres, vindas do povo simples. Seu espaço de atuação é esse meio pobre. Os membros das CEBs sentem-se comprometidos com seus irmãos pobres, que às vezes ainda são mais pobres do que eles. E por isso, colocam como válida para eles a própria opção pelos pobres.

IV. ALGUNS PROBLEMAS DAS CEBs NO ATUAL MOMENTO

Já aludimos no início do artigo à atual situação das CEBs num contexto de abertura política e de certo fechamento eclesial. Vale a pena de-ter-nos um pouco mais nalguns problemas que as CEBs estão enfrentando no momento presente.

1. A Religiosidade Popular

Na maneira de trabalhar a religiosidade popular nas CEBs há diversas tendências. Há uma tendência conservadora, restauradora, que defende uma preservação total da religiosidade popular, sobretudo no que ela tem de oposição a qualquer ingerên-

Por serem de CEBs, seus membros encontram-se em geral em situação um pouco melhor do que muitos outros pobres. Isso os faz responsáveis por seus irmãos mais pobres, ou pelo menos, ainda não envolvidos no nível de consciência e organização deles.

O caráter popular das CEBs mostra-se também pela sua vinculação com os movimentos populares. Algumas nasceram deles. Outras geraram-nos. Outras aproximaram-se deles. Mas em geral é uma característica das CEBs sua vinculação, de qualquer modo que seja, com tais movimentos populares nos seus diversos níveis e graus de consciência, organização e mobilização. Uns estão ligados mais aos problemas do lugar de habitação, outros ao trabalho, outros já a projetos políticos de maior envergadura. As CEBs buscam alguma presença neles, sem perder sua característica de eclesialidade.

cia na esfera do político. A religiosidade popular é um escudo de defesa diante de compromissos sociais. Mantém, portanto, toda a carga alienante de muitas formas religiosas populares sem nenhuma crítica.

Há uma tendência oposta de demolir toda religiosidade popular como se ela não passasse de alienação, formas deturpadas e atrasadas culturalmente. Preconceito elitista, próprio de filhos da "ilustração européia".

Caminha-se entre os teólogos comprometidos com o processo popular para uma vida dialética. De um la-

do, procura-se captar a dimensão alienante da religiosidade popular para superá-la com uma atitude crítica e de compromisso social. Doutra lado, reconhece-se que nela há muitos germes de libertação, muitos valores tipicamente populares que não só devem ser conservados, mas desenvolvidos. A atitude seria de escuta aos valores da religiosidade popular e também de percepção de seus limites. Num segundo momento crítico, tentar-se-ia uma visão mais libertadora e rica para em seguida devolvê-la ao povo, enriquecendo-o com as contribuições de uma reflexão mais crítica.

2. Relação entre fé e política

Se uma das características fundamentais das CEBs é a articulação que conseguem fazer entre fé e vida, Palavra de Deus e compromisso social, cabe aprofundar tal relação. Pois a tendência conservadora procura continuamente romper tal unidade, acusando-a de reducionismo, horizontalismo, perda da especificidade da fé e do eclesial. Compete, portanto, à teologia mostrar precisamente o contrário: que tal unidade é a maneira cristã, encarnada, de viver a fé. É decorrência de correta compreensão do mistério da Encarnação.

A preocupação pastoral deve procurar evitar os dois extremos prejudiciais para a vida da CEB: uma resistência conservadora ao político, ou uma tendência à politização geral. Esse duplo perigo hoje vem crescendo pela atual conjuntura política e eclesial. Por um lado, há uma retomada conservadora no seio da Igreja, e doutro, há uma invasão política dos

novos partidos em busca de militantes e membros, tentando encampar neles as CEBs. Requer-se, por conseguinte, a dupla lucidez de não deixar-se tomar de desconfiança ou desprezo pelo compromisso político, nem envolver-se totalmente com o político, perdendo a dimensão eclesial religiosa.

3. Relação entre a dinâmica das bases e a Instituição eclesial

A Igreja das bases está adquirindo dinâmica própria: avanço irreversível. Até agora está articulada harmonicamente com a hierarquia: aberta a ela e sendo apoiada por ela. Esse apoio se dá no nível institucional e no nível teológico. A dinâmica original das CEBs tem-se mostrado pela criação de microinstituições eclesiais, de novos ministérios, de ensaios litúrgicos próprios, de produção catequética e teológica popular. A expressão máxima de tal dinâmica é a "Assembléia do Povo de Deus", onde toda a diocese se reúne para avaliação de sua caminhada e para planejamento pastoral. Em tal Assembléia a presença das CEBs é cada dia mais significativa, decisiva e predominante, dando à Assembléia a orientação própria do espírito e caráter das CEBs.

Há setores da Igreja, porém, que se estão sentindo ameaçados por tal presença das CEBs com seu espírito de criatividade, e começam a acionar os freios, além de buscar fora, em Roma, apoio para tais receios e atitudes coercitivas. Eles têm provocado no interior da grande Igreja de nossos países, certa tensão e suspeitas, quase sempre infundadas.

Para complicar mais a situação, forças externas à Igreja, de caráter político, nacional ou transnacional — política da “**Reagans administration**” —, tem interferido, apoiando as forças conservadoras intra-ecliais em oposição à dinâmica criativa das CEBs. Facilmente recorre-se a ataques ideológicos, alimentados por anticomunismo doentio.

No campo teológico-pastoral, a razão da tensão entre as duas tendências encontra-se no próprio texto do Conc. Vaticano II, que permite uma dupla eclesiologia, conforme se salienta mais uma vertente que a outra. No fundo, as duas eclesiologias subjacentes ainda não encontraram uma verdadeira superação dialética. Estão ainda na fase de conflito.

4. Articulação da caminhada Igreja da A. Latina e a do 1º Mundo

Interessa muito para nós, em diálogo com os do Primeiro Mundo, descobrir os pontos de convergência, e discutir as diferenças, a fim de avançar num trabalho de colaboração e cooperação.

As CEBs empenham-se num projeto de libertação. O 1.º Mundo é muito sensível à problemática da liberdade. Ora, entre libertação e liberdade há uma raiz comum: o respeito pela dignidade da pessoa humana, oprimida por Estados absolutistas — experiência europeia do séc. XVIII —, ou aviltada pelas condições humanas, sociais, econômicas em nosso Continente.

A divergência vem do fato de que as democracias burguesas administradoras do sistema neocapitalista do

1.º Mundo são as mesmas que garantem aos europeus sua liberdade, geram e sustentam no 3.º Mundo estruturas de dominação econômica, política e cultural. Que mudanças são necessárias no 1.º Mundo para que essas estruturas políticas se transformem em “missionárias da liberdade e libertação” para além de suas fronteiras, e não o contrário?

Além disso, as CEBs esperam do 1.º Mundo um apoio no seu processo libertador, sobretudo no momento atual em que, no mundo político e eclesiástico, configuram-se movimentos conservadores, restauradores, opostos às aspirações de libertação de nossos povos.

As CEBs estão trabalhando numa linha de microestruturas de libertação, mas seu alcance ainda é restrito no concernente às macroestruturas. Nesse nível, as Igrejas do 1.º Mundo parecem ter mais possibilidades, por meio de um uso evangélico do poder que detêm.

Conclusão

Este breve quadro sobre as CEBs não é modelo a ser transplantado. Tenta retratar um pouco da vida que brota em nossas igrejas pobres. São pergunta, desafio às igrejas dos países ricos. Mas são também sinal de esperança e de conversão. A abertura das igrejas do 1.º Mundo já é sinal da presença do Espírito que dispõe os corações para ouvir os pobres e deixar-se questionar por eles. □

(1) Texto de uma palestra apresentada no: Summer School on Current Issues in Mission, Oxford, Inglaterra, 05 a 15 de agosto de 1985. □

AS CEBs COMO PROFECIA ECLESIAL

O apelo evangélico que parte da Comunidade Eclesial de Base não é sustentado pelo poder dos homens mas unicamente pela Palavra de Deus que investe este povo da força do Espírito para testemunhar e anunciar as maravilhas do Senhor.

Frater Henrique Cristiano José Matos, CFMM
Belo Horizonte, MG

A abordagem de um tema tão vasto e complexo: **“CEBs como profecia eclesial”**, nos coloca, inicialmente, diante da difícil tarefa de determinar os conceitos contidos no título. O que entendemos por **“profetismo”** e que conteúdo damos ao termo **“Comunidade Eclesial de Base”** (CEB)? Só depois podemos articular os dois conceitos entre si e tirar as conclusões.

Não falo como especialista no assunto. Também não pretendo apresentar uma contribuição acadêmica à atual discussão sobre o papel das CEBs na vida eclesial. Quero partir de alguma experiência concreta, limitada e não necessariamente modelo para toda uma realidade pastoral nacional.

I. EM BUSCA DE UMA CONCEITUAÇÃO

a) Dentro da tradição bíblica o PROFETA é um “crítico religioso da realidade” (1). Interpela seu mundo e os contemporâneos **a partir da experiência de Deus**. Daí que se apresenta como discernidor e juiz da atualidade histórica. É um homem “possuído pelo Espírito de Javé” que ANUNCIA os desígnios de Deus para com este mundo e DENUNCIA tudo aquilo que impede a realização do projeto divino, por causa da ação maléfica dos próprios homens. Faz

apelo à conversão, à volta ao Deus vivo e verdadeiro, à libertação de tudo que oprime e desvia o homem do caminho de sua plena realização.

O profeta é intérprete da vontade de Deus para o povo aqui e agora e, por isso, está decididamente atento aos sinais dos tempos. São os próprios dados da história em que vive submerso, que constituem o elemento essencial para seu PROFETISMO de anúncio e denúncia (2).

Partindo de uma profunda experiência pessoal de Deus e de uma vivência comprometida com o povo, o profeta exerce com fidelidade seu carisma, fonte de contestação e sofrimento (lembra a figura do "servo sofredor" de Is 53).

"O cristão que olha com olhos de fé esse fenômeno religioso, percebe aí a presença misteriosa do Espírito que anima a história, a enche de dinamismo e a faz caminhar em direção à plena manifestação de Deus" (3).

b) Uma das grandes dificuldades em definir as CEBs provém do fato de o termo ser aplicado a realidades bastante diferentes. Genericamente podemos dizer que representam uma forma, um estilo, um modo-de-ser Igreja caracterizado pela participação ativa do povo. Medellín (1968) fala de "**células iniciais de estruturação eclesial**": fazem presente a Igreja toda em nível capilar de Povo de

Deus. Na realidade, são pequenos agrupamentos populares quase sempre localizados em áreas pobres (zona rural; periferia dos grandes centros urbanos), que se reúnem em torno da Palavra de Deus e, unidos a seus legítimos pastores, tomam consciência mais clara de sua realidade eclesial e de seu compromisso para com a construção de uma sociedade mais humana.

É verdade, uma CEB evolui muito lentamente, adquirindo sua maturidade exatamente quando a realização efetiva da **COMUNHÃO e PARTICIPAÇÃO** começa a aflorar como valor constitutivo de sua caminhada. Não deve ser confundida com "movimento popular". Antes de tudo, nossas CEBs são núcleos de reflexão e de celebração da fé cristã que, normalmente, atuam sobre a realidade sócio-política através do instrumental oferecido pelo "movimento popular" (4).

II. SURGIMENTO DAS CEBs E SEUS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS

a) Antes de analisarmos o próprio termo CEB, convém situarmos o fenômeno num contexto mais amplo.

No caso específico do Brasil, as CEBs vão tomar corpo e adquirir sua identidade no entroncamento de uma realidade nacional com uma realidade eclesial: a revolução de 1964 e o Concílio Vaticano II. A exclusão do povo da vida política estimula e reforça a formação de núcleos populares na base da sociedade. A Igreja oferece um espaço para sua expressão e suas reivindicações, assumindo uma função subsidiária em relação a esses grupos. Não vou me deter

neste ponto, já bastante conhecido. Medellín (1968) coloca o Vaticano II (1962-1965) no contexto real da América Latina. Puebla (1979) retoma e aprofunda a reflexão iniciada. O Concílio, apresentando na "Lumen Gentium" a Igreja como **Povo de Deus**, encontra na AL forte eco no apelo dos bispos à **COMUNHÃO e PARTICIPAÇÃO** de todos na construção da Igreja no Continente; a **Gaudium et Spes**, que trata da relação Igreja/Mundo Contemporâneo, é explicitada no Documento de Puebla mediante inconfundível **OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES**, seguindo

nisso a intuição de Medellín, dez anos antes, quando se constatou que a esmagadora maioria da população católica nas nossas regiões é formada por pobres. A pobreza é detectada como fenômeno estrutural que conduz à marginalização, humilhação, frustração, em suma, a uma vida infra-humana. Estamos diante da triste verificação da "produção sistemática da pobreza", resultado de egoísmo coletivo que se traduz em injustiça ativa e eficaz. Numa perspectiva de fé, esta situação compromete o desígnio de Deus e esvazia o mistério de Cristo. Daí o incontornável compromisso em prol de uma sociedade nova e justa: a evangelização possui intrinsecamente uma dimensão política! Cresce a convicção de que a organização iníqua da sociedade esmaga o homem como pessoa, colocando-o no anonimato e tornando-o vítima de uma competitividade desenfreada. Devemos recompor o tecido societário através de comunidades verdadeiramente humanas, inspiradas na Boa Nova de Jesus, onde a vivência da fé se concretiza em gestos de vida e a vida recebe seu pleno sentido numa ótica de fé.

b) Para conhecermos melhor o significado e a novidade das CEBs pode ser útil uma análise mais detalhada de seus elementos formadores.

1. COMUNIDADE. Na base da sociedade surgem grupos onde a "massa" começa a se transformar em "povo": um conjunto organizado que se conscientiza, elabora uma prática social em vista de uma participação na sociedade e de sua transformação (5). Via de regra são agregações numericamente reduzidas, que vivem uma experiência de

unidade e de solidariedade, dotadas de identidade própria e iniciativas grupais. Caracterizam-se pela proximidade geográfica e relações primárias entre seus membros. A pessoa é reconhecida na sua individualidade. Numa perspectiva bíblica, essas comunidades lembram o "ochlos": a plebe, gente simples, multidão anônima, 'zé-povinho', objeto da compaixão de Jesus (6). Recordam, igualmente, as comunidades cristãs descritas nos Atos dos Apóstolos, onde Lucas, de fato, descreve um ideal, um 'dever ser', partindo, no entanto, de uma base real. "Como todo modelo profético este quadro (At 2,44-47) pretende superar o momento atual para questionar a fé dos que crêem a partir das exigências do Evangelho" (7).

2. BASE. As comunidades mencionadas aqui são, quase sempre, constituídas por aquela parte da população que vive na "base" e se encontra privada do ter, do poder e do saber, tanto no campo econômico, como político e cultural. É gente que vive imersa na luta pela própria sobrevivência. Experimenta no seu dia-dia o que significa a marginalização que gera dependência e impotência frente a estruturas sociais esmagadoras.

Sem dúvida, não devemos "mitificar" esta "base", reservando-a com exclusividade para as classes populares ou pobres e, menos ainda, apresentar a situação de pobreza das pessoas simples e iletradas como parâmetro para a melhor forma de Igreja (8). Não podemos tomar, irrealisticamente, a "base" como algo "quimicamente puro", mas devemos reconhecer as influências e impactos

da sociedade contemporânea sobre ela.

As **bem-aventuranças** (Lc 6,20-23) proclamam o amor gratuito e misericordioso de Deus como característica fundamental do Reino. Os pobres serão felizes, não por suas qualidades morais, mas por terem sido desclassificados pelas estruturas da sociedade. São felizes, porque serão os mais visíveis beneficiários da vinda do Reino, que é fraternidade, justiça e direito (9).

3. **ECLESIAL.** Como fruto da própria vivência das CEBs cresce o forte **sentido de pertença ao corpo eclesial.** O fazer parte da "grande Igreja" é, de fato, o princípio constituinte, estruturante e identificador destas comunidades de base (10). Nossas CEBs nascem no seio da Igreja e em comunhão visível e institucional com a Igreja hierárquica; solicitam explicitamente os serviços sacramentais, o aprofundamento da fé e a unidade mais universal, mediante

sua ligação aos pastores. A novidade está exatamente no fato de o **LEIGO** começar a assumir a Igreja na base, como primeira célula de convocação, reunião, estruturação do povo de Deus, em nome do Evangelho. As CEBs **redescobrem e revalorizam elementos essenciais da identidade da Igreja** que, ao longo dos tempos, ficaram na penumbra: a centralidade da Palavra de Deus; o papel ativo do leigo na construção da comunidade eclesial; os vários ministérios; a conjugação fé-vida na realidade concreta do povo. Como pano de fundo da eclesialidade das CEBs figura o **modelo de Igreja comunhão/comunidade**, "p r o t ó tipo deste necessário e constante vir-a-ser histórico que há de culminar no Reino escatológico, comunidade a ser vivida em comunhão definitiva" (11). Para concluir este ponto, cito aqui a significativa expressão de Dom Luís Fernandes: "CEB é Igreja Local em ponto pequeno. Compromete a Igreja em ponto grande, todinha!" (12).

III. TRAÇOS PROFÉTICOS DA CEBs

Vimos que na perspectiva bíblica o **PROFETA** é um **CRÍTICO RELIGIOSO DA REALIDADE.** Ele questiona a sociedade em que vive, **a partir de Deus, DENUNCIANDO** os mecanismos que se opõem aos planos de Deus sobre o homem e o mundo, e **ANUNCIANDO** a promessa do Messias, do Reino de Deus, da nova Aliança, do mundo novo. Jesus, que coloca explicitamente sua pessoa e missão na genuína linha profética de seu povo, anuncia sem rodeios o Reino da Libertação absoluta e, simultaneamente, denuncia

todas as forças do anti-reino: a riqueza iníqua, o poder opressor, a religião falsa (13).

Como as CEBs INTERPELAM, hoje, a partir da vivência de sua fé em Jesus Cristo, a realidade latino-americana e brasileira? Qual é seu **"potencial evangelizador"**? Em que consiste sua força interna para contribuir na interpretação da Boa Nova com a instauração do Reino de Deus, "esse grande dom de Deus que é libertação de tudo aquilo que oprime o homem, e que é libertação sobretudo do pecado e do Maligno, na

alegria de conhecer Deus e de ser por Ele conhecido, de o ver e de se entregar a Ele"? (14).

a) Parece-me que o ponto de maior relevância das CEBs é a real possibilidade que oferecem para uma **inculturação da fé** (15). Nestas comunidades o povo não precisa deixar de ser povo para tornar-se Igreja! Inicia-se aqui um processo de encarnação da fé cristã na cultura popular, na vida concreta e quotidiana do povo. Fé e vida são articuladas entre si, dentro de um contexto muito real. No modo-de-ser popular não é introjetado um elemento estranho, mas seus melhores elementos são assumidos numa visão evangélica mais ampla. O Evangelho penetra na realidade do povo, na sua cultura, e a fertiliza por dentro, "em ordem ao seu próprio crescimento e amadurecimento do seu potencial, válido como tal, ou eventualmente desfigurado antes, ou limitado pelo processo histórico" (16).

b) A inculturação da fé faz com que a própria vida se transforme e se dinamize em ordem ao Reino. Aos poucos o povo abandona uma atitude passiva de resignação, esperando as soluções de fora, e começa a **tomar a história em suas próprias mãos**. Neste processo o papel da Bíblia é deveras fundamental: descobre-se que Deus tem seu plano de salvação para com a Humanidade, concretizado na história de um povo e continuado por nós hoje. Cresce, paulatinamente, a convicção que a vivência da fé não pode ser dissociada da construção da justiça. A Palavra de Deus, lida e refletida, impulsiona a ações concretas de engajamento social: mutirão; participa-

ção no Movimento Popular; horta comunitária; reivindicações para melhorias no Bairro (escola, calçamento, condução, água e esgoto, posto de saúde, etc.). Trata-se de uma libertação de tudo aquilo que escraviza o homem e o impede de ser plenamente homem: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10,10). Esta libertação, logicamente, não se esgota em realidades intraterrenas, mas atinge o homem todo em seu relacionamento com Deus e com os outros. Não devemos nos iludir: também a CEB é composta de pessoas que necessitam — sempre de novo — de **conversão**. Os mecanismos de dominação e exploração se fazem sentir, igualmente, em seu meio. A realização da verdadeira comunhão ainda não foi atingida. Ciúmes, rivalidades, recalques, tendência de monopolizar e desprezar os pequenos, são fatos constatáveis em todas as nossas CEBs.

c) Na CEB o **leigo, na sua qualidade de batizado**, participa ativamente da construção de sua comunidade eclesial. Após um secular período de clericalização que marginalizou, de certo modo, o "simples cristão" na Igreja, o leigo começa a "sentir-se Igreja", corresponsável por sua missão evangelizadora no mundo. Não resta a menor dúvida que estamos diante de um fato inaudito: a Igreja deixa de ser "propriedade do clero" e torna-se "Povo de Deus", onde já se manifestam os sinais do Reino pela vivência da comunhão e participação de todos. Mais uma vez: sejamos realistas e não "romantizemos" este promissor fenômeno, exaltando o leigo, como se este no modo-de-ser-Igreja das

CEBs dispensasse o ministério ordenado de bispos e presbíteros. Nada é menos verdade. No entanto, algo de novo acontece aqui, trazendo em seu bojo uma esperança: leigos assumindo seu ser-Igreja, exercendo vários ministérios a serviço do crescimento do corpo eclesial na base.

d) Um último ponto ainda merece destaque: **Deus sempre se manifesta, de forma privilegiada, a partir da margem, do pequeno, do pobre, do desprezível.** É a partir desta realidade que Ele mostra sua força salvadora e libertadora, fazendo justiça e realizando misericórdia. É sintomático verificar como os Profetas se apresentam como críticos e fiscais do poder, indo ao encontro dos pequenos e indefesos. De fato, o Profeta está indefectivelmente ao lado dos pobres e injustiçados, seguindo nisso a própria atuação de Deus ao longo da história salvífica (17).

O apelo evangélico que parte da CEB não é sustentado pelo poder dos homens ou meios de persuasão humana, mas unicamente pela Palavra de Deus que investe este povo da força do Espírito para testemunhar e anunciar "as maravilhas do Senhor": "Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos"

(Mt 11,25). Gera, ao mesmo tempo, uma "mística de ação" em busca de uma sociedade de maior justiça e fraternidade. São "apenas" pequenos ensaios, primeiros passos, mas sua eficácia pedagógica é inegável e sua qualidade teológica de longo alcance. É neste sentido que podemos falar do "potencial evangelizador" da CEB.

Após termos analisado em quatro pontos o que se poderia considerar o "apelo profético" das CEBs na atual conjuntura eclesial brasileira, citamos, à guisa de conclusão, o seguinte questionamento do Padre Marcello de Carvalho Azevedo: "O grande desafio é de como fazer chegar aos outros meios sociais na Igreja o espírito fundamental das CEBs? Como pervadir as paróquias, movimentos, dioceses inteiras, com as concepções que constituem os pressupostos básicos das CEBs? Enfrentar este problema e tentar resolvê-lo é o único modo de vitalizar o processo de evangelização com a riqueza que lhes deram as CEBs. Mas evitar a questão, absolutizar as CEBs, na sua modalidade concreta de viabilidade exclusiva nas classes populares, é não só esterilizar a fecundidade potencial que elas têm para a Igreja toda, como radicalizar, irrealisticamente a perspectiva de evangelização (18).

IV. OS RELIGIOSOS E AS CEBs

A VR se apresenta na Igreja como uma vocação apostólica na linha do ser: evangeliza, antes de tudo, pelo que é, tornando presente no mundo, de modo fiel e radical, o próprio Jesus Cristo. Pelo seu testemunho de vida cristã constitui uma **instân-**

cia profética que interpela continuamente a sociedade e a própria Igreja, convocando-as à conversão evangélica. Através da **vida em comunidade** onde se tenta viabilizar no dia-a-dia a difícil proposta da "comunhão e participação", os religiosos

constroem a Igreja, exatamente no lugar onde se encontram. Na sua "sequela Christi" os **pobres** sempre ocuparam lugar de destaque. Nunca tem faltado, ao longo da História da Vida Religiosa, uma efetiva solidariedade com os "menores dos irmãos". Hoje o contacto vital com a realidade das CEBs pode dar uma valiosa contribuição na refontalização da própria VR e sua autêntica renovação (19). **As Comunidades Eclesiais de Base questionam por dentro os religiosos** sobre: o sentido do voto de pobreza; a vivência concreta do comunitário e da prática da partilha fraterna; a capacidade de doação aos outros; a dimensão missionária da sua vida com a disponibilidade de abandonar posições conquistadas; o despojamento de riquezas acumuladas, seja no campo material, seja cultural e, finalmente, a real valorização do simples e pequeno.

Os fatos nos mostram que a inserção em meios populares em geral e nas CEBs, em particular, pode ser de grande fecundidade para a VR no nosso país, restituindo-lhe "um papel que teve desde as suas origens, com relação à sociedade: contestação do modo como ela se estruturava (dimensão profética) e participação ativa na configuração social (LG 39; Ev. N. 69; cfr. 60, 61, 66). A atualidade desta tarefa é evidente no contexto da América Latina: diante da ruptura do "tecido social" (marginalização, massificação, injustiça, condições infra-humanas, etc.), causada por uma sociedade estruturada em função das minorias, o caráter utópico da Vida Religiosa adquire uma força inegável de denúncia e anúncio: a possibilidade de viver **na** sociedade (poder, sexo, dinheiro, etc.), articulando de outra forma os valores humanos (amor, serviço, lucro, comunhão, partilha, etc.), como antecipação real e prefigurativa do Reino de Deus" (20).

NOTAS

(1) Cf o excelente subsídio em preparação à XIV AGO da CRB (julho de 1986): **"Os Profetas bíblicos interpelam a Vida Religiosa"**. (2) CLAR, **"Tendências proféticas da Vida Religiosa na América Latina"**. CRB 1977, p. 58 s. (3) *Ibidem*, p. 32. (4) Frei Betto, in AA.VV., **A educação popular nas CEBs**. Paulinas, São Paulo 1985, p. 47. (5) L. BOFF, **Que significa teologicamente Povo de Deus e Igreja Popular?**, in CONCILIUM, nº 196 (1984), p. 115. (6) VICTOR CODINA, **Eclesiologia Latino-Americana da Libertação**, in REB 42 (1982), p. 66. (7) CLAR, *op. cit.*, p. 43. (8) Veja as observações críticas do Padre Marcello de Carvalho Azevedo SJ, na sua mais recente publicação (apresentada como tese de doutorado à Faculdade de Missiologia da Pontifícia Universidade Gre-

goriana, em Roma, fevereiro de 1985): **"CEBs e inculturação da fé"**. Loyola, São Paulo 1986, p. 117 e nota nº 36 da p. 162. (9) FRANCISCO TABORDA, **Dimensão teológica da opção pelos pobres**. XI Congresso Nacional da AEC, Vol. II. Loyola, São Paulo 1983, p. 50s; cf tb. ÁLARO BARREIRO, **Comunidades Eclesiais de Base e Evangelização dos pobres**. Loyola, São Paulo 1981², p. 44. (10) L. BOFF, **Eclesiogênese**. Vozes, Petrópolis 1977, p. 21; João Paulo II, **Aos líderes das Comunidades de Base** (Mannus, 10-7-1980), in **Pronunciamentos do Papa no Brasil**. Vozes, Petrópolis 1980, p. 257s. (11) AZEVEDO, *op. cit.*, p. 253. (12) LUÍS FERNANDES, **Como se faz uma CEB?** Vozes, Petrópolis 1984², p. 45. (13) Cf **"Os Profetas bíblicos..."**, ponto I, item 1 (com suas respectivas

referências bíblicas). (14) PAULO VI, **Exortação Apostólica "Evangelii Nuntiandi"** (1975), nº 9. (15) Objeto específico da tese de Pe. Marcello (veja nota 8) cujo subtítulo explicita: **"A realidade das CEBs e sua tematização teórica na perspectiva de uma evangelização inculturada"**, especialmente o 5º capítulo e dentro deste o item VI (p. 352-377). Não é livro de "fácil leitura", como sugere o Pe. Ary Roest Crolius, pelo contrário, a linguagem acadêmica e técnica, junto com o conteúdo denso e complexo, tornam a leitura bastante exigente e pedem boa dose de ascese por parte do leitor não-especialista no assunto. Mas este estudo magistral e completo, com enfoques realmente originais, não deixa de ser de grande proveito para aqueles que desejam refletir em profundidade e criticamente sobre a realidade eclesial das CEBs. (16) AZEVEDO, *op. cit.*, p. 307. Diz o mesmo autor: "(...) não tem mais sentido

uma evangelização sem inculturação, isto é, dissociada da realidade sócio-cultural, político-econômica e histórica em que ela se dá e a cujo povo se destina". (p. 283) Ver especialmente a p. 359 onde Padre Marcello aponta três elementos básicos que conjugados "fazem das CEBs um fator potencial de grande alcance para, a partir de dentro da identidade cultural do nosso povo, ver transformada por ele mesmo esta cultura, na sua expressão mais profunda de sentido da vida e do homem e na exigência de uma configuração da sociedade que a isto responda". (17) Cf **"Os Profetas bíblicos..."**, ponto 1, item 3 (com citações bíblicas). (18) AZEVEDO, *op. cit.*, p. 165. (19) Cf HENRIQUE CRISTIANO JOSÉ MATOS, **O religioso-leigo e as CEBs**, in **CONERGÊNCIA** 20 (1985), nº 187, p. 559-562. (20) CARLOS PALÁCIO, **Vida religiosa inserida nos meios populares**. CRB, Rio de Janeiro 1980, p. 35s (texto apresentado na XII AGO da CRB). □

Cumprimento da Lei

Bíblia — Não penseis que vim revogar a Lei... mas dar-lhe pleno cumprimento, Mt 5, 17.

Leitor — É verdade. Jesus não veio derogar ou revogar as realidades. Por isso, persistem cruces, sofrimentos, estruturas, sistemas, trabalho, instituição. Jesus veio revelar as dimensões escondidas em tudo isto, e mais: no relacionamento Deus-homem, homem-homem, homem-comunidade, homem-bens. Por isso, provocou conflitos, acendeu fogueiras, desestabilizou estruturas. Sua tese repugna ao pensamento mundano. Afina-se, porém, com o agir de Deus. Importante não é revogar normas ou facilitar vivência. Importante é não tomar o lugar do Autor da Lei mas fazer a lei refluir ao seu Autor. Que o homem encontre, em seu agir, ressonâncias divinas. Isto é consumir a Lei, ou seja, purificá-la, concluí-la, aperfeiçoá-la, dar-lhe plenitude.

Lea, à página 146: "O profeta Jesus de Nazaré".

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de abril de 1986

BOAS FESTAS DE PÁSCOA!

JESUS ressuscitou! Sinal luminoso e constitutivo de nossa fé. Tudo agora se transforma, se inaugura e se ilumina de luz solar onde as coisas se revelam em seu esplendor. Convite a ver o mundo com olhos matinais. A natureza ressurge na pessoa de Jesus. Tudo o que move e comove o homem e a mulher tem aqui o seu lugar e o seu significado. Este é o querigma cristão mais antigo: JESUS está vivo e agindo em nosso meio.

JESUS ressuscitou! Vitória do poder de Deus que é. E manifesta ao homem o seu destino, antes de alcance imprevisível. Orienta sua consciência infundindo-lhe um sentido orgânico e unitário à vida tão embriagada de ídolos e narcotizada por futilidades.

BOAS FESTAS DE PÁSCOA!

JESUS ressuscitou! Confirmou definitivamente o dinamismo da vocação cristã. Semeou com fartura a confiança. Acordou em nós a saudade de uma luz que ameaçava se apagar e para a qual tendemos com irresistível tropismo. Nosso corpo que ora nos causa tantos embaraços e problemas deixará de ser pesadelo e prisão. Seu futuro é brilhante.

JESUS ressuscitou! Remate de uma longa promessa através de séculos de pedagogia divina. Brote, então, espontâneo de nossos lábios o grito característico da Páscoa: **ALELUIA!** Alegria e esperança para além de toda criada realidade. Estréia-se nova e universal ordem para a criação, uma outra linhagem, a do povo santo dos redimidos.

BOAS FESTAS DE PÁSCOA!

JESUS ressuscitou! Está vivo. Continua vivendo. É a fonte da vida para todos. Modelo de nossa ressurreição. Fundamento da fé para a existência de uma vida futura. Germe de esperança e consolo. Nossa vida está capacitada a ser eterna também. Nesta misteriosa e dulcíssima festa da **Resurreição do Senhor**, de todo o coração, a todos na sua estação própria da vida — terna primavera, fegoso verão, outono farto ou despojado inverno — a todos e a cada um: Boas Festas de Páscoa.

Deus, cuja graça inefável nos chama à humildade de servos, ao amor de filhos e à gratidão de amigos, transforme esta nossa felicitação pascal, numa comum, concreta e recíproca esperança de luz, alegria, paz, otimismo, saúde, tudo de bom, e, também, força e resistência para os males inevitáveis de nossa humana condição.

Sempre ao seu inteiro dispor, com fraterna amizade, subscrevo-me,
atenciosamente



PE. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator-Responsável
Convergência e Publicações CRB